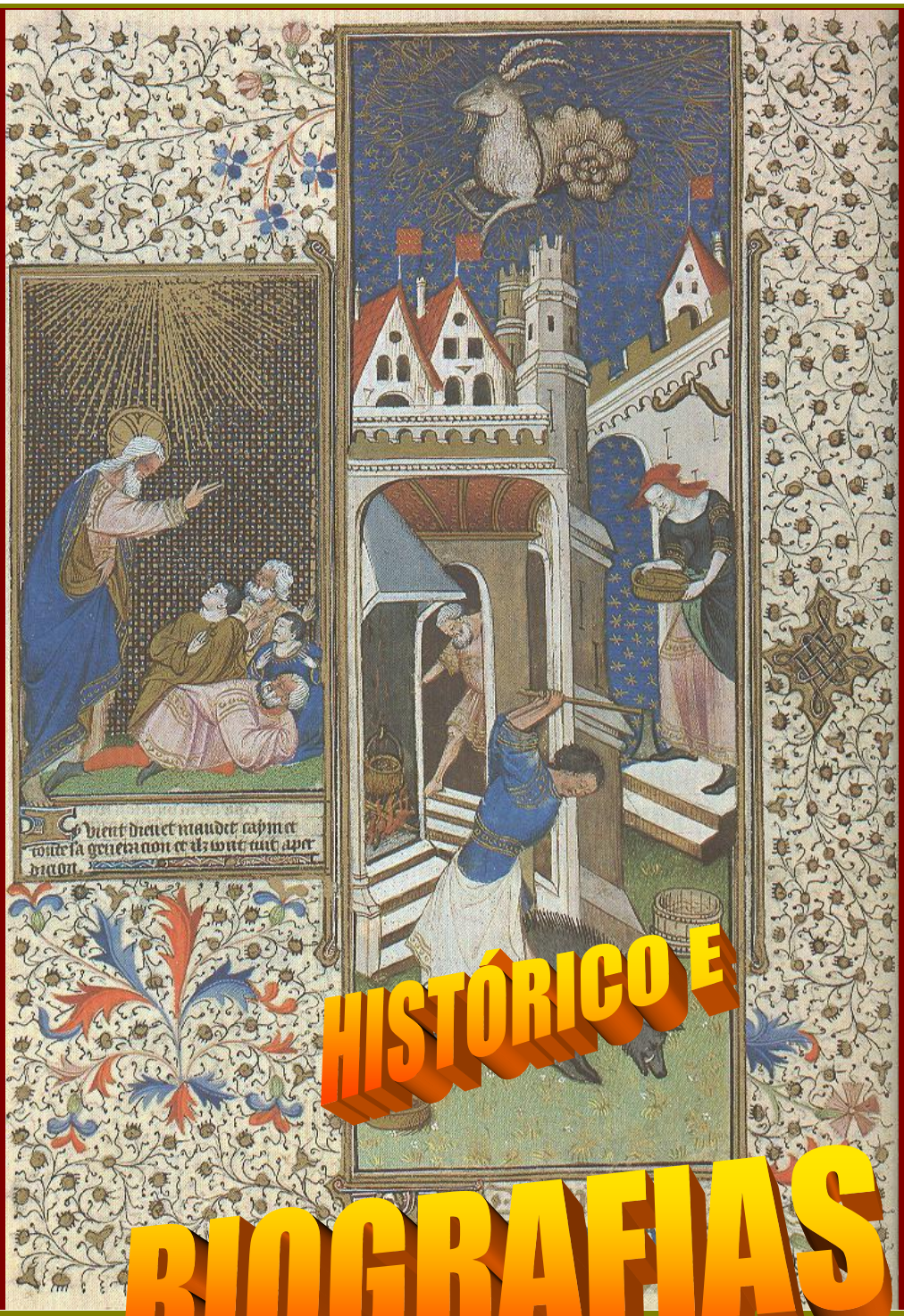
AMADO SEJA POR TODA PARTE O SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS



HISTÓRICO E BIOGRAFIAS

CONTRIBUIÇÃO DO GINO

M S C - 90 ANOS

Missionários do Sagrado Coração

90 ANOS DE BRASIL

1911 - 2001

Arquivo Anais

Da esquerda para a direita,
Sentados: Antônio van Es, Mathias Nigsters e leo Lenders.
Em pé: Donato van Hest, Henrique Alofs, Bernardo Ditters, José Maria de Beer, Alberto Brandts e Mário Pennock.

Tantos anos decorridos, ao avaliar e enaltecer a obra por eles iniciada, a gente mal se lembra do contexto de mundo, de Brasil e de Igreja que existia na época.

Quando, por que e como esses dois pioneiros aqui chegaram?

Quais as conjunturas sócio – político - religiosas através das quais agiu a Providência?

É bom lembrar que nos primeiros anos deste século, a Congregação dos MSC já existia há mais de 50 anos.

As nações mais importantes da Europa disputavam a ferro e fogo os mercados mundiais para dar vazão aos seus produtos. Era preciso conquistar colônias em outros continentes para garantir matéria-prima barata.

Havia ainda ressentimentos nacionalistas, resultado de insucessos em guerras recentes, como o conluio de 1870. Já naquele tempo, uma sólida indústria armamentista obrigava alguns países a gastar somas fabulosas.

Os ânimos acirrados, aguardava-se apenas um pretexto para a eclosão de uma guerra que não viria a tardar.

Em termos de Brasil, 1911 era o tempo da Primeira República, sendo Hermes da Fonseca, o presidente. Era a época das oligarquias estaduais, constituídas pelos latifundiários e alta burguesia, os quais monopolizavam a política em seus respectivos estados. São Paulo e Minas Gerais eram as oligarquias mais poderosas, aquelas que tinham influência decisiva no cenário político nacional.

Daí a "Política do Café com Leite" que, entre outras coisas, alternava paulistas e mineiros no cargo de presidente da república.

A escravidão, ao menos oficialmente, fora abolida há pouco mais de 20 anos.

Na Igreja, o Pontífice reinante era Pio X e seu lema: "Restaurar todas as coisas em Cristo". Sua preocupação de pastor levou-o a realizar profundas reformas na liturgia, com reflexos positivos na espiritualidade crista. Foi o papa que, entre outras coisas, favoreceu a prática da comunhão diária e da comunhão das crianças. No campo da doutrina, condenou severamente todas as formas de relativismo religioso que se abrigavam sob o nome de Modernismo.

Foi Pio X quem distinguiu o Brasil, elevando um de seus filhos, Dom Joaquim Arcoverde, às honras de cardeal da Santa Igreja, a 11 de dezembro de 1905. Esse mesmo Papa elevou…condição de Nunciatura a representação da Santa Sé em nosso país.

Nos primeiros anos deste século, Roma, preocupada com os rumos do catolicismo brasileiro, procura dar ênfase ao aspecto doutrinal e sacramental da fé, em contraposição à religiosidade devocional e festiva de influência lusitana.

Essa orientação da Igreja para o Brasil, eminentemente catequética, visava sobretudo a suprir as limitações da evangelização anterior.

Os migrantes europeus, recém-chegados ao Brasil, muito contribuíram para consolidar essa tendência. Nessa época, a Igreja procurou privilegiar quase absolutamente o campo educacional, contando para isso, com o incentivo dos Bispos e o apoio da burguesia emergente.

Isto, sem falar da república, com a separação entre o Estado e a Igreja, esta última não mais poderia contar com subsídios da parte do governo.

Muitas vezes, a autorização para ingresso de congregações religiosas em uma diocese estava condicionada à obra educacional. Aliás, não foi outro o motivo que, em 1911, levou o Bispo de Pouso Alegre, MG, Dom Antônio Augusto de Assis, por ocasião de sua visita a Roma, a procurar padres para a sua diocese.

Ele necessitava de religiosos que viessem para o Brasil a fim de dirigir seu seminário e ginásio diocesanos. Depois de ter batido em muitas portas, sem êxito, o bispo foi apresentado ao Superior Geral da Congregação dos Missionários do Sagrado Coração, Padre Eugênio Meyer, o qual ficou de encaminhar o pedido ao Superior Provincial dos MSC da Holanda, Padre Adriano Brocken.

O assunto foi levado ao Conselho e após informações e troca de correspondência, a Província holandesa respondeu positivamente e decidiu iniciar uma fundação no Brasil.

Em princípio, seriam enviados apenas dois padres, a fim de examinar a situação, preparar o caminho e firmar um contrato com o Bispo.

Doravante, o problema seria escolher a pessoa certa para encabeçar a missão. Por essa época, havia na Província Holandesa um jovem sacerdote, com 4 anos de ordenação, vivo e inteligente, cujo grande sonho era ser enviado às missões da Nova Guiné.

Contudo, seus superiores, percebendo seus dotes intelectuais, pediram-lhe que continuasse os estudos na Universidade. Assim, em 1908, o jovem religioso era nomeado professor de Teologia Moral no Seminário Maior da Congregação, em Louvânia, Bélgica.

Os encargos de professor, a par das muitas atividades acadêmicas, não o fizeram esquecer suas aspirações missionárias.

Assim, foi com alegria e entusiasmo que o **Padre Adriano Van Iersel** aceitou a missão de iniciar a obra dos MSC no Brasil.

PADRE ADRIANO VAN IERSEL É O PRIMEIRO SENTADO À ESQUERDA

Autorizado a escolher seu companheiro de empreitada, indicou o jovem **Padre Ludovico Kauling,** homem inteligente, verdadeiro poliglota, conhecedor dos rudimentos de cerca de 15 idiomas.

PADRE LUDOVICO EM 1929

Assim, após os últimos preparativos e as despedidas dos familiares, nossos dois missionários, em Antuérpia, a bordo do "Würzburg", deram inicio à memorável viagem.

Entre os passageiros estava o Cônego Domingos Sars, religioso premonstratense, holandês, pároco em Jaguarão, SC, que retomava das férias em sua terra natal.

Foi ele, durante a viagem, que ensinou aos dois religiosos MSC, os princípios da gramática da Língua Portuguesa.

A primeira escala em solo brasileiro deu-se em Salvador - BA, na primeira quinzena de maio. Nossos viajantes puderam desembarcar, visitando os conventos dos franciscanos e beneditinos, onde foram acolhidos fraternalmente.

Continuando a viagem, desembarcaram no Rio de Janeiro, ficando hospedados no Mosteiro de São Bento. Permaneceram uma semana na capital, visitando a cidade e arredores, inclusive Petrópolis, sem esquecer de trocar o cheque de mil florins que traziam na bagagem, aliás a única vez que tiveram que usar o passaporte.

Um telegrama de Pouso Alegre, marcando o dia da chegada, e lá se vão os nossos missionários rumo à Central do Brasil, onde tomam o trem para Cruzeiro - SP.

De lá embarcam na antiga Rede Sul-Mineira e às horas da tarde do dia 2l de maio de 1911, festivamente recebidos pelo Bispo, padres e povo em geral, chegam a Pouso Alegre, Sul de Minas, lá onde lançariam as primeiras sementes de uma árvore que dali estenderia seus ramos, flores e frutos por outros rincões desse imenso país.

Prezado leitor, após essa introdução, numa próxima oportunidade falaremos um pouco do que tem sido a obra fecunda dos Missionários do Sagrado Cora‡ao nesses 90 anos de Brasil.

Padre Humberto Capobianco, msc, mestre de Noviços em Pirassununga

SEGUNDA PARTE

Nossos pioneiros, Pe. Adriano e Pe. Ludovico, tendo chegado à tarde em Pouso Alegre, já no dia seguinte pela manha, após a missa e o café, davam suas primeiras aulas.

Pe. Adriano ensinava Matemática e Pe. Ludovico lecionava Latim. Embora já conhecessem os rudimentos de nossa língua, no início o mais importante era praticar a conversação junto dos alunos.

No fim da primeira semana, tudo correndo além das expectativas, Pe. Adriano apresenta ao Bispo um projeto de contrato, redigido em francês, segundo o qual caberia aos MSC, a administração do Ginásio, pagando o bispado o ordenado fixo de 150 mil réis mensais ao Diretor, Pe. Adriano, e 100 mil réis ao Pe. Ludovico.

O Bispo deu sua aprovação. Foram feitas três cópias e, à noite, solenemente, o contrato foi assinado, com data de 2 de junho de 1911.

Passada a euforia dos primeiros dias, percebeu-se que a situação do Ginásio era difícil, mas aos poucos a nova direção, sábia e firme, foi dando novos rumos à instituição. Em outubro daquele ano, chegaram da Holanda, os novos confrades solicitados pelo Pe. Adriano.

Eram eles os padres João Galiart, Francisco Deckers, José Heykigers e Marino Pover, e os irmãos João (Augusto) Roosen, Cornélio Leijten e Cristiano Kockx.

Havia trabalho para todo mundo; os padres seriam professores e os Irmãos também receberam nomeação do Pe. Adriano: Ir. Roosen, mordomo, Cornélio, enfermeiro e Ir. Cristiano, cozinheiro.

A comunidade MSC no Brasil prosperava e em 1912 já eram nove os confrades. Aos poucos foram aparecendo os problemas e tensões, principalmente entre o Bispo e o clero diocesano, de um lado, e os MSC de outro.

A esse respeito, escreveria o Pe. Adriano em suas Memórias, naquele seu estilo direto e objetivo, temperado de humor:

"Felizmente, manteve-se sempre entre os MSC uma verdadeira coesão e solidariedade, não obstante a diversidade das posições a respeito da própria empresa e das relações com o mundo exterior. As dificuldades tornaram-se tão grandes que, entre outras coisas, fui autorizado a governar sem o meu Conselho Local, simples ditadura".

PADRE ADRIANO É O PRIMEIRO À ESQUERDA, SENTADO

Assim, prevendo curta permanência em Pouso Alegre, Pe. Adriano, entrou em contato com Dom Lúcio Antunes de Souza, Bispo de Botucatu, oferecendo seus préstimos.

Dom Lúcio aceitou alegremente a oferta e naquele mesmo ano de 1912, Pe. Ludovico Kauling era nomeado Diretor do Ginásio Diocesano de Botucatu.

Em 1915, os MSC deixam Pouso Alegre e aí começa a diáspora: Bauru, Campinas, Itajubá, Piranguçu, Alfenas, Machado...

Neste ano aconteceu a primeira visita canônica e o Padre Provincial da Holanda, Pe. Adriano Brocken, esteve no Brasil, ocasião em que foi publicada a famosa "Carta de Alfenas".

Entre outras coisas, decidiu-se fundar uma Casa Religiosa em Campinas. Dom Nery, o Bispo, autorizou a fundação, desde que a Congregação lhe cedesse alguns padres para lecionar em seu seminário e ginásio diocesano.

É firmado um contrato por cinco anos e aos padres é oferecida uma paróquia a ser fundada na Vila Industrial.

Durante a visita canônica seguinte, em 1925, decide-se pela fundação de uma escola apostólica e assim, em 1931, na cidade de Pirassununga, tem inicio a construção de nosso primeiro seminário no Brasil.

Um ano depois, em fevereiro de 1932, eram acolhidos os primeiros oito alunos para cursar a primeira série.

Em apoio ao novo seminário, funda-se a "Pequena Obra", o grão da mostarda de onde nasceria a revista dos ANAIS de Nossa Senhora do Sagrado Coração.

Mais uma visita dos superiores da Província-Mãe, em 1936, e fica acertada a fundação do Noviciado, em Itapetininga, onde tem inicio a construção da casa que iria receber os seminaristas vindos de Pirassununga. Assim, aos dois de fevereiro de 1938, os primeiros seminaristas brasileiros recebiam o hábito de Missionários do Sagrado Cora‡ao de Jesus.

Neste mesmo ano, depois de quase 30 mourejando pelo interior do país, nossos confrades entram na capital de São Paulo, grande polo industrial no continente, cidade que na época já contava quase dois milhões de habitantes.

Dom Duarte Leopoldo e Silva, Arcebispo Metropolitano, os acolhe paternalmente e lança-lhes o desafio de fundar uma paróquia em Vila Formosa, periferia da capital, uma região onde não havia ainda, nem água, nem luz, nem telefone, nem transporte...

Nossos padres aceitam o desafio e assim, a 13 de novembro de 1939, aniversário de morte de nosso bispo missionário, Monsenhor Verjus, é erigida a nova paróquia, dedicada a Nossa Senhora do Sagrado Coração.

Nesta mesma época, Dom José Gaspar de Affonseca e Silva, sucessor de Dom Duarte, cria a paróquia de São Sebastião, da Ponte Pequena, a um quilômetro da Estação da Luz, e a oferece aos MSC que dela tomam posse em 31 de janeiro do ano seguinte.

Trata-se da atual Paróquia Sagrado Coração de Jesus em Sufrágio das Almas, conhecida como Santuário das Almas.

Em janeiro de 1941, já faz 60anos, tem início a construção do Seminário Maior de Vila Formosa, cuja primeira parte estaria concluída em março do ano seguinte. Contudo, somente em fevereiro de 1945, aquela casa iria acolher os seminaristas de Itapetininga.

Nesta cidade, em 1944, é ordenado o primeiro padre MSC brasileiro, Alcides Ferreira Leite.

ORDENAÇÃO DO PRIMEIRO MSC BRASILEIRO, PADRE ALCIDES FERREIRA LEITE

Em dezembro do ano seguinte, em São Paulo, mais quatro novos sacerdotes vêm alegrar a família MSC: Pe. Plínio Negrão, Pe. Ângelo Cardillo D'Angelo, Pe. Amadeu Rodrigues Gusmão e Pe. Pedro Strabelli.

O grupo crescia e se consolidava cada vez mais entre nós.

Estávamos em 1946, quando, por ocasião de mais uma visita canônica, ao constatar o grande desenvolvimento espiritual e físico da obra, iniciada 35 antes pelo Pe. Adriano Van Iersel e companheiros, os Superiores da Holanda houveram por bem pedir ao governo Geral da Congregação a criação da Província Brasileira dos Missionários do Sagrado Coração, cujo decreto viria à luz em 13 de outubro daquele mesmo ano.

A jovem comunidade atingia assim sua maioridade.

Os caros leitores devem estar estranhando essa sucessão vertiginosa de idas e vindas, de obras e datas, de construções e inaugurações.

Não se esqueçam, porém, que por detrás de toda essa obra formidável, escondiam-se atos heróicos de sacrifício e coragem, de renúncia e generosidade, hauridos na fonte do Coração de Cristo, por intercessão de Maria, Nossa Senhora do Sagrado Coração, Aquela que sempre tem feito tudo em nossa Congregação.

Só assim se poderia explicar a sabedoria e o descortino de nossos maiores, que em meio aos problemas e conflitos de toda sorte, sempre souberam pautar sua vida por uma sólida união na caridade, confirmando aquilo que o venerando Pe. Adriano escreveria em suas Memórias:

"Quaisquer que tenham sido talvez as aspirações e as tendências divergentes, sempre, no início de nossa fundação, invariavelmente, vimos todos cerrarem fileiras, em torno da Congregação e de qualquer dos seus membros, ao menor sinal de ameaça. Jamais houve o menor traço de intriga entre os confrades. O que ainda contribuiu de maneira poderosa para a comum vitória, foi o mais tenaz otimismo que mantinha em xeque um certo pessimismo que, de quando em vez, ameaçava infiltrar-se".

Numa próxima oportunidade, vamos continuar recordando e agradecendo a Deus esses abençoados 90 anos, sem esquecer os outros confrades MSC que, de outros países da Europa, vieram cerrar fileiras conosco, a fim de tornar cada vez mais amado o Sagrado Coração de Jesus.

Padre Humberto Capobianco, msc, mestre de Noviços em Pirassununga.

TERCEIRA PARTE

No próximo mês de outubro, a Província de São Paulo, dos Missionários do Sagrado Coração, estará comemorando 55 anos de existência.

Naquela época, em 1946, um grupo de confrades decidiu permanecer ligados à Província-Mãe, da Holanda, e iniciar uma nova fundação, avançando mais ao norte e estabelecendo-se na cidade de Muriaé - MG, diocese de Leopoldina.

Padre Arnaldo Geerts, o apóstolo da Noroeste, fora indicado, juntamente com o Padre Alexandre Verlaar, para dar início ao novo empreendimento.

Ao lado deles, formando o quinteto dos fundadores da Região, devem ser citados o Padre Jerônimo Vermin, Padre Geraldo Pelzers e Padre Gastão Melsen.

Padre Jerônimo, irmão de mais dois outros MSC, primeiro pároco de nosso santuário, em Vila Formosa, São Paulo, estabeleceu-se no Rio de Janeiro, capital do país, e lá recebeu, do Cardeal D. Jaime de Barros Câmara, o encargo de fundar uma nova paróquia em Jacarepaguá .

Em 1948, Padre Jerônimo foi nomeado superior da Região, cargo que ocupou até, 1954.

Logo no início da fundação havia grande interesse pela pastoral vocacional, bandeira desfraldada especialmente pelo Padre Geraldo Pelzers que hoje, com justiça, empresta o nome à Casa de Formação dos estudantes de Teologia, em Contagem, MG.

No começo, os vocacionados eram encaminhados ao seminário do bispo de Leopoldina. Mais tarde, foram enviados aos seminários de Itajubá e Pirassununga, na Província de São Paulo, lá onde estudou, entre muitos outros, o Padre Antônio Fernando Magalhães, hoje membro do Conselho Geral da Congregação.

Em 1962, provisoriamente na cidade de Muriaé, foi instalada a escola apostólica que levava o nome de Instituto Padre Arnaldo.

Em março do ano seguinte, o seminário , transferido para Juiz de Fora, onde se fixa definitivamente.

Nos anos difíceis da crise que provocou um desânimo geral por toda a parte surgiu a estrela do Padre Guilherme Goossens que, com fé e teimosia, teve carta branca para continuar com o seminário.

Entre outros, foi ele, sem dúvida, o grande formador dos seminaristas da Região, obra cujos frutos se pode perceber na safra de novos MSC que, desde então vêm reforçando o grupo.

Hoje, nossos confrades da Pró-Província do Rio estão espalhados pelo estado de Minas Gerais e Rio de Janeiro, trabalhando especialmente na pastoral paroquial.

Faz uns dez anos, assumiram uma missão no sul do Pará, região conflagrada pela violência, envolvendo o problema da terra.

Atualmente, animam as comunidades paroquiais em Redenção, Floresta do Araguaia e Santana do Araguaia. Isto, sem falar de uma nova obra em Joaíma e adjacências, no Vale do Jequitinhonha, uma das regiões mais pobres do país.

Secção de Pinheiro

Desde 1941, confiada aos Missionários do Sagrado Coração, a Prelazia só foi assumida aos 15 de agosto de 1 946, após a segunda guerra, quando o Maranhão pôde receber a primeira leva de missionários.

A princípio, Padre Afonso Ungarelli e seus companheiros se encarregaram das paróquias de Alcântara, Pinheiro, Turiaçu, Cururupu, Carutapera e Guimarães, embora seu ardor evangelizador atingisse os mais distantes rincões através das famosas desobrigas pastorais.

Algum tempo depois, abriram uma escola, o Colégio Pinheirense, donde saíram os primeiros seminaristas que, enviados à Escola Apostólica de Pirassununga.

Lá cursaram o Clássico e mais tarde se tornaram missionários do Sagrado Coração.
Data memorável para os confrades do Maranhão e para todos nós, foi aquele dia de março de 1 949, quando o **Padre Afonso Maria Ungarelli** foi sagrado bispo, em São Paulo, tornando-se assim o primeiro prelado MSC no Brasil.

A Dom Ungarelli sucedeu **D. Carmelo Cassatti**, o qual teve como sucessor **D. Ricardo Pedro Paglia**, à frente da diocese de Pinheiro, desde 1979.

DOM RICARDO PEDRO PAGLIA

A ereção canônica da Secção maranhense dos MSC aconteceu aos 22 de julho de 1970. Hoje, os confrades se acham também na capital do estado,

bem como em Fortaleza, estado do Ceará, celebrando 55 anos de duro e fecundo apostolado em terras do Brasil.

Pró-Província de Curitiba

No ano de 1948, os MSC da Província belga também vieram se juntar a nós, indo trabalhar no sul do Brasil, mais particularmente no Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina.

Sem negar sua tradição missionária, máxime no antigo Congo Belga, África, nossos confrades realizaram obra de desbravadores e pioneiros em lugares onde tudo ainda estava por fazer.

Entre esses bravos missionários da primeira hora, estavam o Padre Staeljenssens, Padre José Vandersnich, Padre Francisco Masure e Padre Francisco van de Water, o qual, por vários anos, ocupou a cadeira de Sagrada Escritura em nosso Escolasticado de Vila Formosa, em São Paulo.

Ao lado do serviço paroquial, houve também a preocupação com em pastoral vocacional, cujos frutos se podem notar no número relativamente grande de boas vocações.

Os MSC da Pró-Província estão predominantemente no Paraná , mas já estiveram no vizinho Paraguai e, hoje, seu trabalho se estende até o estado do Mato Grosso, na capital, Cuiabá, Cotriguaçu, São José do Povo e Juína, onde, além da paróquia Santo Agostinho, dirigem um seminário para futuros missionários do Sagrado Coração.

Seu trabalho tem se caracterizado pelo feito de estar sempre em estado missão, deixando instituições já estabelecidas, partindo para novos desafios.

Seu espírito marcadamente missionário vem confirmar a predileção de São Francisco Xavier pelos padres oriundos da Bélgica, quando escrevia a S. Inácio de Loyola, pedindo: "Da mihi belgas!" (mande-me os belgas!...) A tradição permanece.

Afinal, "last but not least", não podíamos deixar de nomear aqui a presença dos confrades da Província Irmã da Áustria, há quase 30 anos trabalhando conosco.

O pioneiro foi o Padre João Zangerle, bravo tirolês das montanhas de Galtur, acompanhando um grupo de religiosas, as Missionárias de Cristo,

congregação fundada por um confrade, missionário do Sagrado Coração de Jesus.

Porém, só a partir de 1976, é que outros padres vieram se juntar ao Padre Zangerle, formando assim o grupo MSC que, em primeiro de janeiro de 1984, se constituiria em Secção canonicamente ereta.

Os colegas austríacos, Padre Zangerle, Padre Raimundo Rothbauer Padre Alfredo Niedermemier e Padre João Schmid, inicialmente colaboraram com a Província de São Paulo, trabalhando em Santa Catarina.

Mais tarde, decidiram iniciar uma fundação na Bahia, realizando ali uma frutuosa e espinhosa obra de evangelização.

Com a perda do Padre Zangerle e Padre Rothbauer, falecidos, outros vieram reforçar o grupo: Padre Ludovico Laaber, Padre Huberto Kilga e Padre Walter Licklederer, atualmente Superior Local.

Hoje, associando-se aos confrades do Setor Norte-Nordeste da Província de São Paulo, marcam presença nos Estados do Ceará e Piauí.

Note-se que, embora constituem grupos canonicamente autônomos, os MSC procuram viver em unidade na fraternidade, de modo mais explícito no campo da Formação e das Missões no exterior.

Ressalte-se nossa missão comum no Equador, nos altiplanos da diocese de Riobamba, onde se unem na obra da evangelização, confrades de vários grupos MSC do Brasil.

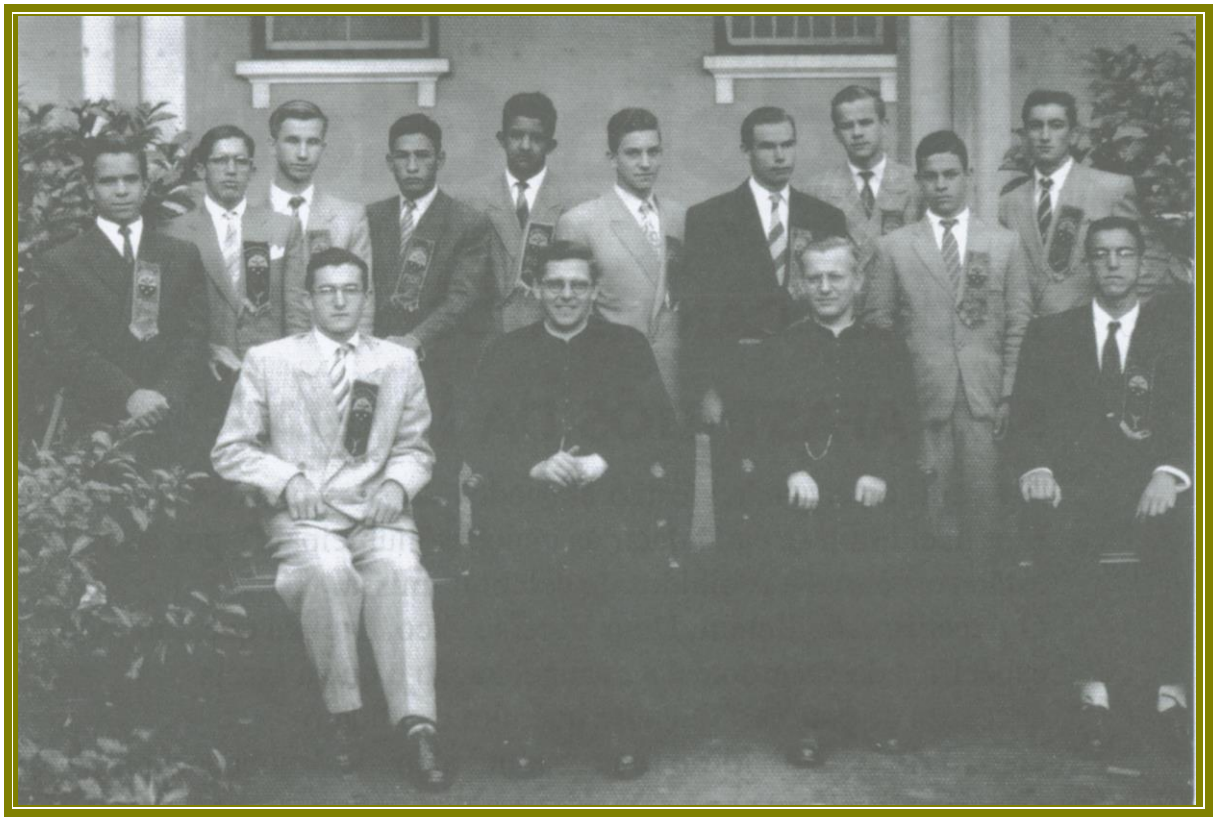
CARO LEITOR, o espaço desta revista seria por demais pequeno, se quiséssemos referir aqui toda a obra evangelizadora que os diversos grupos MSC, há 90 anos, vêm realizando em nossa terra.

Contentemo-nos com essas poucas linhas e agradeçamos a Deus por tudo aquilo que Ele já fez e continua fazendo através de nossa congregação.

Para afastar também qualquer triunfalismo vão, eis aí uma boa oportunidade para rever a caminhada, quem sabe, bater no peito, mas sobretudo, balizar o futuro sem nunca perder de vista a fraternidade em missão, trabalhando juntos na construção do Reino em que a justiça e o amor unam todos os homens.
DEO GRATIAS!

Padre Humberto Capobianco, MSC, Mestre de Noviços, em Pirassununga SP

PADRE ADRIANO SEELEN



PADRE ADRIANO SEELEN COM PADRE LÉO LEENDERS E OS ACADÊMICOS DA RETÓRICA

Padre Adriano Seelen nasceu a 19 de maio de 1910, em Helmond, Holanda. Aos 13 anos entrou para o nosso seminário menor, em Tilburg.

Fez o Noviciado em Berg en Dal ,emitindo seus primeiros votos em 21 de Setembro de 1929. Cinco anos depois, a 10 de agosto de 1934, em Stein, o jovem religioso ordenou-se presbítero.

Durante cinco anos permaneceu em Tilburg, como professor na Escola Apostólica, dedicando dois anos ao estudo de piano no conservatório local.

Em outubro de 1939, Padre Adriano chegava ao Brasil e sua primeira nomeação foi vigário paroquial em nossa paróquia de Itajubá .

Dali foi para Campinas, Pirajui e, em meados de 1946 vamos encontrá-lo em Pirassununga, como Superior e Diretor da Escola Apostólica, substituindo o saudoso Padre Antônio Van Es.

Seis anos depois, Padre Adriano, nomeado Mestre de Noviços e vai morar em Itapetininga, ali permanecendo 14 anos, até 1967, quando , nomeado para o Escolasticado, em São Paulo. Naqueles anos difíceis, foi, por algum tempo, Diretor e Superior da casa.

Em 1971, viaja de férias para a Holanda e ao voltar vai trabalhar em nossa paróquia de Cunha, como vigário paroquial, ali permanecendo três anos, findos os quais, , nomeado capelão da Colônia de Férias do SESC, em Bertioga.

Em 1978, retorna a Cunha, primeiro como coadjutor, depois pároco. Em 1981, lembrando os velhos tempos, aceita substituir o Mestre de Noviços, Padre Mauro Pasquarelli, que esteve no Rio, fazendo um curso de espiritualidade.

No ano seguinte vai para São José do Rio Preto, paróquia da Redentora, naquele que seria seu último campo de trabalho pastoral.

Em 1984, pediu e obteve licença para uma viagem especial à Holanda, onde celebrou, com mais nove colegas de turma, os seus 50 anos de sacerdócio. Foi uma belíssima festa e Padre Adriano voltou feliz, mas já voltou doente.

No início de setembro vai a São Paulo para consulta e exames médicos, ficando internado alguns dias no Hospital Santa Catarina. Embora enfraquecido pela doença, enfrentava o tratamento com galhardia e alimentava grande esperança de cura.

Volta a São José do Rio Preto, continuando lá mesmo as sessões de radioterapia iniciadas em São Paulo.

A doença era incurável, o mal progredia sempre, mas ele continuava esperançoso, sem deixar suas atividades pastorais.

O velho piano, companheiro de tantos anos, era ainda seu grande confidente e, através da música, Padre Adriano procurava expressar seu amor À vida que lhe fugia aos poucos.

Dia 6 de janeiro, um Domingo, festa dos Santos Reis, ele celebrou sua última missa. Alguns dias depois recebia o sacramento dos enfermos.

Seu estado de saúde se agravava a cada dia e nem as idéias ele coordenava mais.

Sentou-se ao piano pela última vez, desdobrou a partitura, tentou dedilhar as teclas, mas os dedos não lhe obedeciam mais.

Padre Adriano veio a falecer na madrugada do dia 21 de janeiro de l985.

Já faz tantos anos que ele se foi, mas tão cedo não se apagará a lembrança desse confrade, cujo traço marcante era o amor à vida, manifestado num otimismo constante, numa disponibilidade generosa e simples, elegante até, sem subterfúgios e sem complicações .

Éramos menino ainda, quando tivemos a felicidade de conhecê-lo, nosso diretor na Escola Apostólica de Pirassununga.

Padre moço, simpático, irradiando jovialidade, sua presença era um raio de sol naqueles tempos de disciplina mais rígida.

Tinha o dom de lançar desafios e entusiasmar a gente. Psicólogo fino, sabia decifrar a difícil meteorologia da alma adolescente, desanuviando o ambiente, relaxando tensões e devolvendo-nos a serenidade e a alegria.

Pedagogia criativa, ora era o feriado inesperado, ora o passeio que não estava em nossos planos, ora a audição de música clássica...

Ou então, várias vezes, adentrando furtivamente a silenciosa sala de estudos, ia escrevendo na lousa aquelas palavras latinas que, ao final, redundavam no verso bissexto: "Cras, cras, cras habemus ferias!"

Aos poucos, vinham as reações que explodiam em risos e palmas, apesar do rosto sério do Ir. Francisco, lá no púlpito da sala, saboreando o velho cachimbo...

E o Padre Adriano, alegre e feliz, saindo em silêncio, ganhava o corredor.

Muitos anos mais tarde, conversando sobre seus tempos de diretor da Escola Apostólica, Padre Adriano, humilde, reconhecia o equívoco de certas decisões e outras atitudes que as circunstâncias o tinham levado a tomar.

Em fins de 1952, iríamos tê-lo como Mestre de Noviços, em Itapetininga. Já o conhecíamos bem.

A espiritualidade de alguém é aquilo que a pessoa vive, de tal modo que sua intuição central e a experiência vivida se apoderam de seu espírito e de seu coração, a ponto de transformar toda sua vida.

Pois bem, a espiritualidade do Padre Adriano tinha traços bem marcantes. Essas características, que afloravam em suas atitudes, em suas citações prediletas e em suas reflexões, procediam de um núcleo central: servir a Deus nos irmãos.

Daí o motivo de sua alegre e generosa disponibilidade e a insistência com que batia na tecla de alguns textos-chave que ele gostava de repetir, como por exemplo:

"Ad omne opus bonum paratus".
"Non recuso laborem.
"Laetus obtuli universa...

Foi exatamente isso que o Padre Adriano sempre viveu até os últimos dias. Grande conhecedor da Bíblia, não fazia da Palavra de Deus simples erudição.

Procurava vivê-la no dia a dia, dela retirando verdades "nova et vetera", buscando alimento e força de renovação, sempre atento aos sinais de Deus no hoje da história.

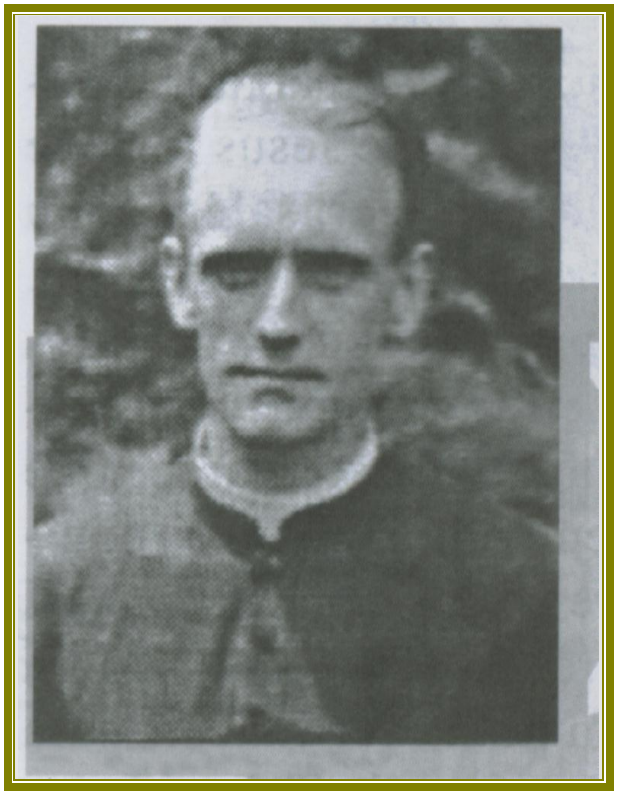
Espírito profundo e introvertido, era mais de escrever que de falar. Deus lhe deu muitos talentos, um dos quais foi seu grande amor à música.

Virtuose ao piano, era no teclado que ele extravasava melhor seus sentimentos.

Foi também a quatro mãos, com seu próximo mais próximo, que Padre Adriano, olhos postos na partitura do Evangelho e atento à batuta do Mestre, executou sua mais bela melodia de amor a Deus.

PADRE HUMBERTO CAPOBIANCO, MSC

PADRE JOSÉ MARIA DE BEER



UM HOMEM PLURAL

Em nossos tempos de Escola Apostólica, em Pirassununga, lá se vão 50 anos, os padres se revezavam nos mais diversos ofícios de acompanhamento dos alunos.

Nessas ocasiões eram chamados de prefeitos de disciplina ou "surveillant", em francês, com uma conotação de vigia, vigilância, sem ser policialesca.

O Ir. Francisco presidia aos pequenos recreios, enquanto os padres - professores se encarregavam dos recreios mais longos, após as refeições.

O recreio da noite, após o chá no refeitório, ficava sob a responsabilidade de dois padres, um deles com a divisão dos Maiores e outro com os Menores.

A noite, não havia voleibol, o nosso pão de cada dia, nem se praticava qualquer modalidade esportiva a não ser a barra fixa, paixão do Laureano, que mais tarde viria a ser o grande missionário nas Ilhas Key, Indonésia.

Os seminaristas se reuniam em pequenos grupos, os Maiores na parte de cima, ao lado da capela do Rosário, enquanto os Menores se distribuíam pelo pátio ao lado da sala de estudos.

Os temas das conversas e folguedos eram os mais variados, modificando-se conforme o "surveillant" da noite.

Quando o Padre José Maria era o responsável, havia um grupo seleto de alunos que o rodeavam a fim de ouvir aulas extras de astronomia.

Naquelas noites de céu limpo, miríades de estrelas pontilhando o firmamento, Padre José Maria, dedo apontado para o alto, ia decifrando o mistério das galáxias, focalizando nossa Via Láctea com seus 40 bilhões de estrelas brilhando nas profundezas do cosmo.

Procurava explicar ao vivo as leis de Keppler, naqueles tempos em que ainda não se falava do Big-Bang, nem das descobertas do Hubble.

Entre os jovens discípulos - astrônomos, estava o Agenor Cardim, embevecido e dependurado dos lábios do brilhante professor. Mas não pensem que a geografia física, a nossa velha cosmografia, era a única especialidade do Padre José Maria.

Não, ele era um homem de muitos saberes e pontificava com desenvoltura tanto nas áridas lições da Matemática como nas saborosas aulas de História, passando pela Física e pelas artes em geral.

Suas preleções de História Geral constituíam um espetáculo … parte, especialmente quando, com gestos e entonações de voz, ele discorria sobre as guerras antigas.

Quem não se lembra da descrição daquele episódio da guerra entre gregos e persas, quando o rei Leônidas, com seus 300 homens, ficou encurralado no desfiladeiro das Termópilas?

Tudo aquilo mexia com a nossa agressividade adolescente e nos envolvia apaixonadamente. Havia até grupos, verdadeiros clubes que tinham como patronos César, Aníbal ou Alexandre Magno!

E os debates acirrados, cada qual procurando provar por que o seu general era o maior. Mas Aníbal tinha um fã-clube mais numeroso por causa da famosa batalha do Trasímeno, cuja estratégia o professor explicava com detalhes empolgantes.

Sua inteligência e sua lucidez também eram marcantes no campo da Matemática. O geômetra de traço firme usava a lousa como poucos.

Os padres nos contavam que o Padre José Maria era de uma família de arquitetos, e seu avô tinha desenhado o imponente convento dos Missionários do Sagrado Coração, em Tilburg, na Holanda. Daí sua queda para o desenho e a pintura.

Guarda-pó desbotado por sobre a batina, lá estava ele, misturando tintas e pincéis, pintando os belos cenários de nossas peças teatrais. Peças, muitas das quais ele mesmo escrevia ou adaptava.

Dramas, comédias ou pequenas encenações, sua imaginação era fecunda. Jamais nos esqueceremos de suas peças natalinas, como

* "O Diabo Feito Bobo",
* "A Estrela Apareceu",
* "Pai Abade tem Razão"... Nem de outras como
* "Genésio ou A Graça Atrás da Máscara",
* "O Fim da Jornada",
* "Dom Álvaro de Manresi" e aquele teatro de suspense
* "Sabotagem", sobre a Segunda Guerra Mundial.

Não podemos esquecer a comédia "O chapéu de palha italiano" tantas vezes encenado nos idos de 1950...

Bons tempos aqueles em que, sem TV e sem computador, nós éramos estimulados a criar arte e prover nosso próprio lazer!

Padre José Maria veio da Holanda para o Brasil, em 1943, aqui permanecendo durante exatos 50 fecundos anos, a maior parte deles em Pirassununga.

Uma coincidência interessante: nosso padre nasceu dia 31 de maio. outrora festa de Nossa Senhora do Sagrado Coração, vindo a falecer dia 18 de junho de 1993, bem no dia da festa do Sagrado Coração de Jesus!

Sofria de uma cardiopatia grave que ele veio a descobrir apenas nos seus últimos anos de vida.

Os médicos optaram por cirurgia e ele foi internado no Hospital da Beneficência Portuguesa.

Ocupava um quarto simples, que ele dividia com outro paciente.

Visitei-o na véspera e ele disse com aquele seu senso de humor bem característico, referindo- se ao texto de Ezequiel: "Amanhã, festa do Sagrado Coração, eu vou ganhar um coração novo!"

Cirurgia delicadíssima, nosso paciente não resistiu. Faleceu por volta das 23 horas do dia 18 de junho e foi, certamente, receber do Coração de Cristo o prêmio do servo bom e fiel.

Sua peregrinação de quase 80 anos neste mundo foi o testemunho alegre e lúcido de quem se doou sem reservas a serviço do Reino de Deus.

Padre Humberto Capobianco, MSC, , Mestre de Noviços
Pirassununga (SP) http://www.hbianco@Kennedy.com.br

Anais - julho – 2002

BICO DE PENA DO PADRE JOSÉ MARIA DE BEER FEITO NO SÍTIO SÃO JOSÉ DO BARROCÃO EM 1952 – ACERVO ÉZIO MONARI

PADRE ANTÔNIO GUSMÃO

Todos o conheciam. Alegre e descontraído, o sorriso a desenhar-lhe o rosto cheio, ar jovial e brincalhão, ele sabia cativar a todos, brincava com todo o mundo.

Inteligente e culto, dedicou-se ao magistério no seminário durante muitos anos.

Seu talento musical e seu virtuosismo nos lembram o pianista, o organista e o maestro brilhante que ele sempre foi.

Jamais vamos esquecer alguns números de nossos serões musicais que marcaram época, como "Praias do Ceará", a quatro vozes, as vozes cristalinas dos pequenos sopranos e altos mesclando-se às vozes de jovens imberbes de 18 anos que ainda baritonavam seus registros vocais.

Outra peça, o "II était un petit navire", alternando barítonos e sopranos, atingia as raias do virtuosismo. Isto sem falar do repertório de belas músicas clássicas.

E o Canto Gregoriano! Padre Gusmão era perfeccionista.

Contudo, o encargo que mais o absorvia era o magistério. Naquele tempo em que o tem não tinha pressa, o regime escolar do seminário era rígido, as férias curtas, estudava-se de manhã, de tarde e noite, contradizendo a tradição universitária eclesiástica no tocante às aulas, que rezava: "prima sit brevis, ultima sit levis!"

Lecionou as mais diversas disciplinas, mas sua especialidade era o Grego. Com entusiasmo e desenvoltura dominava a gramática e a literatura.

Diferentemente do nosso tempo, alunos que éramos do Padre Donato, quando se enfatizava mais o estudo dos historiadores, como Heródoto, Tucídides e Xenofonte, Padre Gusmão preferia os gênios das tragédias gregas, como Esquilo, Eurípedes e, sobretudo, Sófocles.

Peças imortais como Antígone, Electra e Édipo-Rei, ele dissecava em todos os sentidos, garimpando os sentimentos mais profundos e mais contraditórios da alma humana.

Assim, em meio a textos gregos e latinos, os alunos bebiam uma riqueza de imagens da mais pura inspiração clássica.

E as viagens! Como gostava de viajar, conhecer novos lugares e novas paisagens naqueles nossos saudosos passeios comunitários, estilo franciscano, na velha Kombi do seminário, gastando pouco, às vezes passando a pão e mortadela, sempre encontrando uma casa religiosa para nos acolher.

Nessa toada estivemos em Brasília, Salvador, Guarapari e outros lugares. Motorista exímio e prudente, passava horas ao volante, sempre alegre e bem disposto.

Padre Gusmão amava demais a vida. Sua vitalidade física e psicológica parecia desmentir seu desaparecimento precoce. Ele possuía as melhores qualidades humanas, mas era, antes de tudo, sacerdote. Padre virtuoso, algum que exercia o ministério com muito amor.

Era orientador paciente e lúcido, atendendo sempre a todos que o vinham procurar.

Padre zeloso, visitava os doentes, fazia apostolado no meio dos detentos, dirigia os jovens da Legião de Maria, orientava os adultos cursilistas e presidia ao Conselho Deliberativo do antigo S.O.S.

Foi também o fundador do primeiro Grupo de Alcoólicos Anônimos, em Pirassununga, associação sempre atuante e que, nesses últimos anos, tem transformado a vida de inúmeras pessoas.

E quem não se lembra do esportista? Nas competições de vulto, nas antigas Olimpíadas Municipais, lá estava o Padre Gusmão dirigindo seus pupilos.

PADRE GUSMÃO É O PRIMEIRO À ESQUERDA COM PADRE LAUREANO, PADRE JOÃO SCHUUR, PADRE LUIS XAVIER PERES, PADRE DURVAL CHECCHINATO, PADRE JOÃO CRISÓSTOMO, PADRE SÍRIO MOTTER E PADRE ALOISIO

E quantos troféus não ganhou ele com aquela famosa equipe de vôlei do seminário! E verdade que o vôlei era o feijão-com-arroz, pão de cada dia nos espaços de educação física na Escola Apostólica e só isso justificava a nossa hegemonia naquela modalidade esportiva.

E como gostava de futebol! Técnico e atleta daquele sempre lembrado esquadrão da década de 60, sampaulino roxo, não perdia jogo que estivesse à mão.

Torcia e vibrava nos estádios. A última vez que viu seu "São Paulo," foi precisamente a 30 de maio, alguns dias antes de sua morte, contra a

Ponte Preta, em Campinas. Um mês depois, lá do céu, via seu clube tornar-se campeão.

Padre Antônio Gusmão nasceu em Santa Bárbara D'Oeste, SP, em 11 de outubro de 1927, tendo entrado na Escola Apostólica, em Pirassununga, em 1939, colega de turma do Cortez, do Olésio, Paulo Bevilacqua e outros.

Ordenado padre, em dezembro de 51, concluiu o quarto ano de Teologia e foi nomeado para Pirassununga, sua primeira e única nomeação, lá onde passaria o resto de sua vida.

PADRE GUSMÃO NOS 60 ANOS DE SACERDÓCIO DO PIONEIRO, PADRE ADRIANO VAN IERSEL COM DOM PEDRO PAULO KOOP, PADRE JOÃO SCHUUR, PADRE HUMBERTO CAPOBIANCO, PADRE ALBERTO VERDEIJEN, PADRE DURVAL CHECCHINATO, PADRE ANTONIO CORTEZ, PADRE LUIS FIGUEIREDO, IRMÃO HENRIQUE BOWMANN,

Dia 8 de junho de 1971, à tarde, Padre Gusmão tinha ido a Araras a fim de fazer uma palestra aos cristãos cursilistas da cidade.

Ao voltar, já noite, aconteceu o lamentável acidente que lhe ceifou a preciosa vida.

Morreu em serviço, morreu evangelizando.

Suas últimas palavras, atestam seus ouvintes daquela noite, foram sobre a fé, sobre a ressurreição. E como ele acreditava na Páscoa de Cristo!

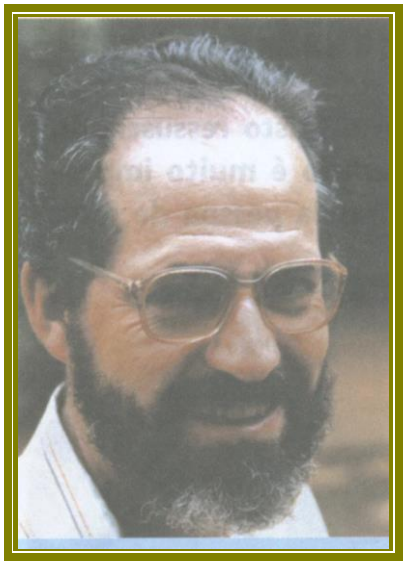
A notícia logo se espalhou e a consternação foi geral.

O corpo foi velado na igreja-matriz e uma grande multidão de amigos e conhecidos desfilou pelo templo, prestando sua última homenagem ao caro sacerdote.

Depois, houve missa concelebrada e, em seguida, o povo acompanhou o féretro no seu longo trajeto até o cemitério do seminário, o mesmo chão onde tantos outros confrades aguardam o dia glorioso da ressurreição, conforme o evangelho de Jesus.

Seu testemunho continua vivo entre nós e por isso, fazer memória de sua vida, mais que uma homenagem, é uma força e um alento para todos aqueles que um dia o conheceram e souberam admirá-lo.

Padre Humberto Capobianco, MSC, , Mestre de Noviços, Pirassununga (SP)



PADRE HÉLIO PONTES SERVIDOR DOS IRMÃOS

Na madrugada do dia 7 de setembro de 1993, lá se vão oito anos, um telefonema de Roma, qual raio em céu sereno, veio trazer-nos a triste notícia: o Padre Hélio Pontes acabara de falecer!

Eram os primeiros dias do Capítulo Geral, em que ele e mais dois confrades representavam a Província de São Paulo dos Missionários do Sagrado Cora‡ao de Jesus.

Estupefatos, na ânsia de enquadrar os desígnios de Deus em nossa lógica humana, nós nos perguntávamos como esse Deus que, um ano e meio atrás, o salvara miraculosamente de gravíssimo acidente de carro, agora se dignava chamá-lo a sua Casa!

E vinham-nos à mente as palavras de Jeremias, perplexo em meio aos sofrimentos de seu povo: "Até o profeta e o sacerdote perambulam sem rumo pela terra, sem entender o que se passa".

E humildemente, mais uma vez, nós nos curvamos ante o insondável mistério Daquele que é o totalmente Outro.

Lá das bandas de São Sebastião do Rio Claro, um lugarejo encravado nas montanhas do Sul de Minas, ambiente de intensa religiosidade, alimentado pela fé sólida de seus pais, Aristeu e Alice, de saudosa memória, o menino respondeu ao chamado do Mestre e, no ano de 1955, ingressava em nosso seminário de Itajubá.

Quando, em 1961, o Conselho Provincial decidiu separar os estudantes de primeiro e segundo graus, de nossos seminários de Pirassununga e Itajubá , o Hélio foi estudar na Escola Apostólica.

Concluído o curso clássico, fez o Noviciado em Itapetininga, em 1963, sob a direção do Padre Adriano Seelen, então Mestre de Noviços.

Em fevereiro de 64, emitiu os primeiros votos, seguindo para São Paulo onde, durante seis anos, estudaria Filosofia e Teologia.

Deixando Vila Formosa, esteve algum tempo em Bauru, até sua ordenação presbiteral, em junho de 1971.

Seus primeiros anos de ministério, Padre Hélio passou em Bauru, primeiro como coadjutor na paróquia de Aparecida, em seguida como pároco da comunidade de Santa Rita de Cássia, onde sua dedicação e zelo edificavam a todos.

Nessa época, Padre Hélio foi, na diocese, o pioneiro na criação das Comunidades Eclesiais de Base.

Em 1977, é nomeado para nossa paróquia de Itajubá, em Minas, sendo-lhe confiada a comunidade do Cruzeiro, bem como o pastoreio de várias capelas da zona rural.

Indicado pelo Arcebispo de Pouso Alegre como coordenador das CEBs, pede ao Conselho Provincial permissão para uma experiência de inserção nos meios populares.

Junto de dois agentes de pastoral leigos, vai morar no Bairro do Cruzeiro, residindo numa casinha simples, num ambiente de pobreza realmente franciscana.

No início de 1981, o Superior Provincial lhe faz um convite para uma missão difícil: acompanhar uma comunidade de jovens teologantes numa experiência de inserção na periferia de São Paulo.

Pesaroso por ter que interromper seu projeto em Itajubá , contudo sua disponibilidade era maior que o sacrifício.

Acatou a nova nomeação e foi residir em São Paulo, primeiro na Vila Guarani, depois na Vila Ema. Formador exigente, irmão mais velho, era o mais despojado de todos.

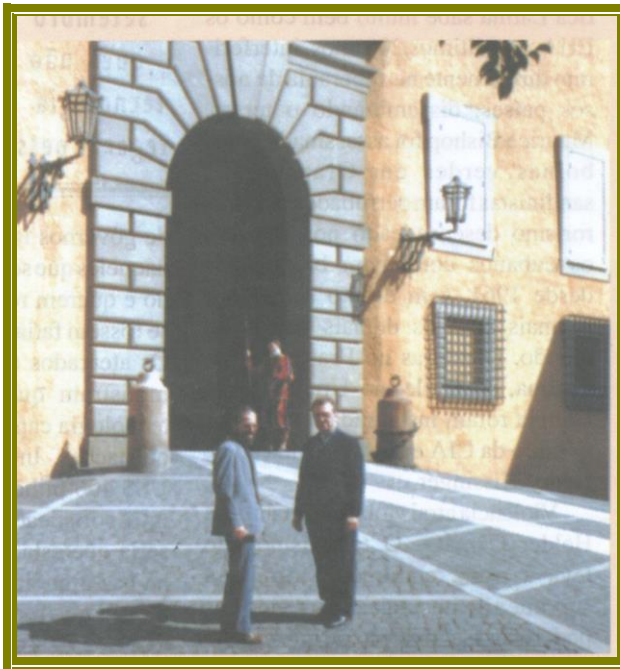
Entretanto, apesar de todo o frutuoso trabalho no campo da formação, há tempos que Padre Hélio acalentava um sonho maior.

Seu espírito missionário e sua autêntica opção evangélica pelos pobres apontavam para os irmãos do nordeste, razão pela qual se entusiasmou sobremaneira com a possibilidade de uma fundação em Crateús, no Ceará.

Assim, tendo a Província assumido este campo de trabalho, eis que, no dia 2 de fevereiro de 85, no Santuário de Nossa Senhora do Sagrado Coração, em Vila Formosa, ao final da eucaristia da Profissão Religiosa de jovens MSC e de Filhas de Nossa Senhora do Sagrado Coração, aconteceu a celebração do envio, ocasião em que o Padre Hélio recebeu, das mãos de seus pais, Aristeu e Alice, a sua tão sonhada cruz missionária.

Esse período em Crateús, enfrentando percalços e desafios de toda espécie, foram sete anos de zelo apostólico e doação total, tendo por testemunhas D. Fragoso, os padres da diocese, os fiéis paroquianos de Nova Russas, Tauá e tantos outros que se beneficiaram de seu fecundo ministério.

Seu testemunho de vida como religioso e sacerdote missionário era por demais patente quando, em novembro de 91, Padre Hélio foi escolhido Superior Provincial, tomando posse no mês seguinte, durante eucaristia solene no Santuário das Almas, Ponte Pequena, São Paulo.



PADRE HÉLIO (À ESQUERDA) COM PADRE HENRIQUE ROBERTO EM CASTEL GANDOLFO , ITÁLIA, 1987

PADRE HÉLIO EM SITTARD, HOLANDA, 1987

Seu discurso inaugural foi um ato de fé repassado de humildade. Reconhecendo suas limitações, mas com coragem e determinação, pedia a proteção de Deus e a

união de todos para a tarefa ingente de enfrentar os desafios de um novo tempo, para tanto colocando-se como o irmão menor e servidor de todos.

Em março de 92, voltando de sua primeira viagem ao Sul, aconteceu o gravíssimo acidente que vitimou o Padre Lídio e o Padre Hernandes, poupando-lhe miraculosamente a vida.

O corpo macerado, fraturas dos ossos da face esquerda, o cotovelo partido em vários pontos, uma trinca no fêmur da perna esquerda, eis o quadro de dores.

Tinha início sua via-sacra numa trajetória que vinha nos lembrar que o Servo Sofredor de Isaías fora sempre a marca mais profunda de sua espiritualidade.

Essa marca, como ferrete em brasa, se tornaria indelével através das dolorosas feridas que desfiguravam o seu corpo e das dores atrozes que viriam a ser companheiras do seu quotidiano, fecundando ainda mais o seu ministério.

Como Paulo, podia dizer: "vou completando em minha carne o que falta às tribulações de Cristo em favor de seu corpo que , a Igreja" (Col. 1, 24).

Dia 12 de maio, afinal, nosso confrade, convalescente ainda, voltava para casa, em São Paulo. Foi grande nossa alegria e nossa gratidão ao Deus que faz maravilhas.

O tratamento devia continuar: retorno a Curitiba para algumas cirurgias de correção, intervenções para enxerto, exercícios de fisioterapia, as dores e os incômodos faziam o dia-a-dia de nosso paciente que, sem se queixar, mas com coragem e galhardia, aos poucos ia retomando o seu ministério de animador da Província.

Malgrado suas limitações físicas, mergulhou de corpo e alma nos inúmeros afazeres e problemas que reclamavam sua presença, sua palavra e seu discernimento. Veio a assembléia de fim de ano, vieram as reuniões de Conselho, de Formadores, de superiores Maiores, as visitas ás casas, aos confrades do Nordeste, a convocação do Capítulo, a elaboração das Comunicações e tanta coisa mais.

Padre Hélio não conhecia descanso e seu dinamismo só se podia explicar pela sua profunda união com Deus pela oração.

Seus escritos deixam transparecer essa grande intimidade com Deus, feita de simplicidade e despojamento.

Nas últimas Comunicações da Província, publicadas após sua morte, falando de vocações e ministérios, ele nos escrevia essas palavras bonitas, verdadeiro

testamento de pai amoroso: *"... a nossa vocação religiosa ou sacerdotal, não, melhor que as demais, mas é nossa vocação. Cuidemos dela. É um tesouro que trazemos em vaso de argila".*

E citando São Paulo, diz: *"Parece que o Apóstolo está sugerindo que a nossa fidelidade e o nosso testemunho, a melhor pregação que nos leva a nos salvar a nós mesmos e aos outros".*

O amor do Padre Hélio pelas pessoas se revelava na fraterna delicadeza que o fazia multiplicar-se para estar sempre presente em todas as situações, seja uma Profissão, seja uma Ordenação, um aniversário, uma visita a um doente, um gesto singelo, uma palavra amiga. Tudo para ele era importante, desde que se tratasse de atender um irmão, quem quer que fosse.

Em Roma, o Capítulo Geral teve início no dia 3 de setembro, sábado, e daqui, unidos em oração, acompanhávamos seu desenrolar, no aguardo de seus frutos, suas diretrizes, suas resoluções.

Mas eis que na madrugada do dia sete de setembro, data que histórica e culturalmente nos recorda a luta pela independência, utopia de libertação, promessas de ressurreição, o Padre Hélio foi se juntar ao Lídio e ao Hernandes, companheiros de tantos caminhos.

Longe de sua pátria, longe dos seus, do povo que ele tanto amou e a quem tão fielmente serviu, ele foi morrer em terra estranha...

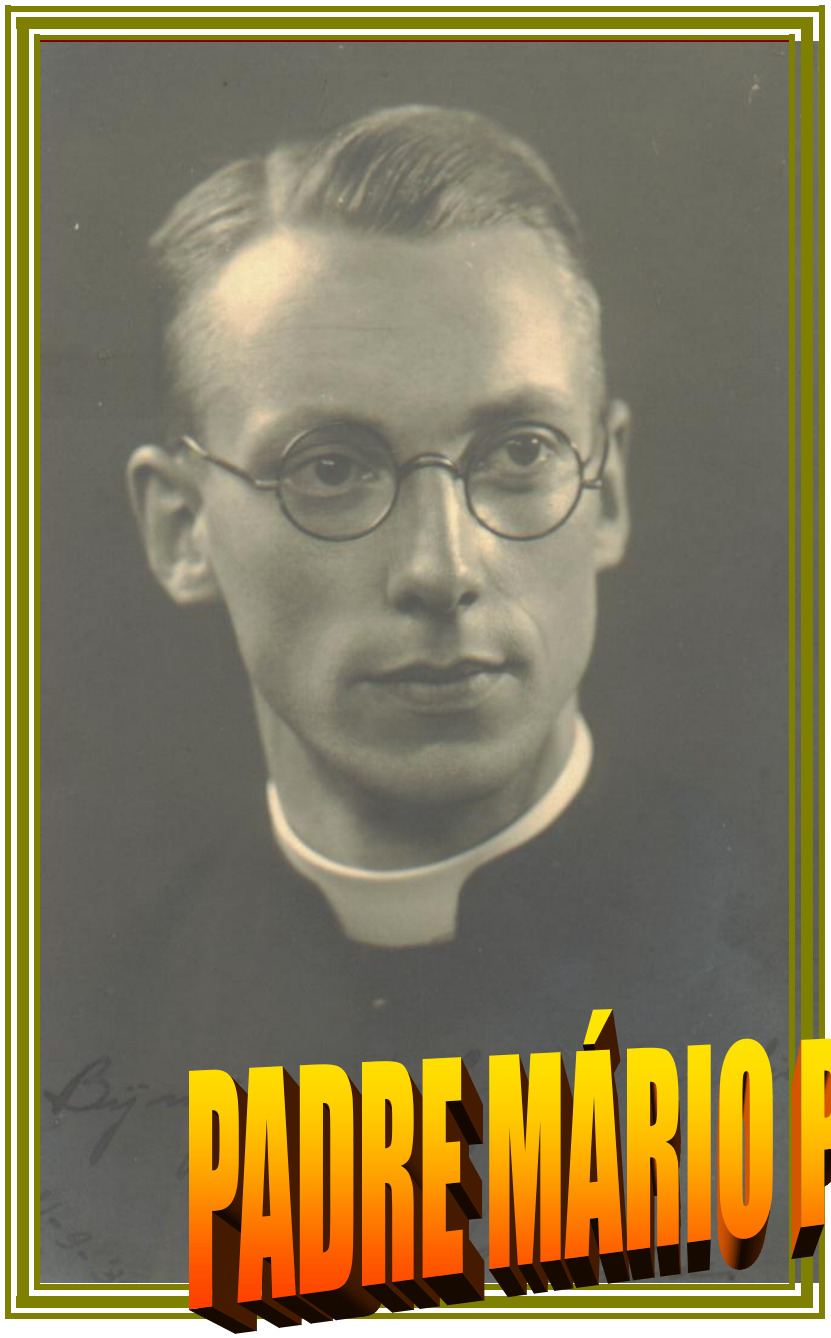
E de Roma, via fax, veio a notícia, contando que na noite daquele dia, na capela, um grande número de religiosos e religiosas velavam o corpo de nosso querido irmão.

Lá estavam os Maristas, os Irmãos de La Salle, os Missionários do Sagrado Coração e as Filhas de Nossa Senhora do Sagrado Coração, os conterrâneos do Pio Brasileiro, Padre Geral e seu Conselho bem como os Superiores Provinciais e demais capitulares MSC do mundo inteiro.

Naquele dia eu me lembrei do menino simples que veio do Bairro de Rio Claro, aquele pedaço de chão escondido nos contrafortes da Mantiqueira. Lembrei-me de sua trajetória, de sua vida tão rica em merecimentos e ele ali, na Roma dos Papas, recebendo aquela homenagem de tanta gente ilustre...

E agradeci ao nosso Deus que ainda continua a olhar para a humildade de seus servos e a realizar maravilhas em sua vida.

Padre Humberto Capobianco MSC, , Mestre de Noviços MSC, em Pirassununga.



PADRE MÁRIO PENNOCK

O PADRE - CANTOR

Quando, menino ainda, entramos no seminário, em Pirassununga, havia entre os vários padres da casa, um que logo nos cativava pela jovialidade, entusiasmo e pela bela voz de tenor.

Seu nome de batismo era **Antônio Leonardo Maria Pennock**, mas como já havia no grupo um padre Leonardo e vários Antônios, os colegas pespegaram-lhe o prenome **Mário**, que aliás lhe caiu muito bem e ficou de bom tamanho.

Para todos nós, seus alunos e seus confrades, assim como para o povo em geral, ele seria o Padre Mário por toda a vida.

A mesma operação fariam anos mais tarde com o Padre Adriano Henrique Temmink, que por causa de outros Adrianos mais antigos, foi batizado de Lourenço, aliás seu onomástico, do dia 10 de agosto, data de seu nascimento e de sua ordenação sacerdotal.

Padre Mário era um homem inteligente, versátil, polivalente ou, como se dizia na época, um "fac totum", o homem dos sete instrumentos.

No campo da ciência ou da arte, ele desfilava seus talentos com segurança e desenvoltura: no seminário, ministrava quase todas as matérias, da matemática à literatura, mas sua marca mais forte foi a do latinista, o mestre que na Poesis e na Retórica (as duas últimas séries de nosso Curso Clássico), respectivamente, nos introduzia na beleza dos versos da "Enéida" de Virgílio, ou na eloquência do "Pro Milone", de Cícero.

Padre Mário também tinha intimidade com a música. Era o maestro do coral do seminário: todas as quartas-feiras, no salão nobre, de pé, equilibrando-se sobre a banqueta, a partitura na estante e batuta em punho, ele fazia milagres para harmonizar aquela multidão de vozes de todos os timbres e registros, naquela fase meio indistinta, meio termo entre adolescência e juventude.

Jamais vamos nos esquecer daqueles dias festivos em que, no coro da velha capela do Rosário, executávamos a Missa Solemnis, de Perosi, a três vozes!

Ou então dos responsórios da inesquecível Novena de natal (Regem Venturum Dominum, Venite, Adoremus!).

Isto, sem falar do repertório profano dos famosos cafés-musicais, quando nos deleitávamos com a "Venerabilis Barba Capucinorum", com a "Tiritomba" e outros sucessos memoráveis.

Padre Mário era também violinista e tinha participação brilhante nos saudosos saraus da Escola apostólica ou como integrante da orquestra do seminário.

Alma de poeta, tinha também algum parentesco com o santo de Assis: como gostava de plantas e animais!

Na janela de seu quarto, dependurava uma gaiola com belos canários do reino que enchiam os ares com seus trinados de veludo.

Tendo chegado ao Brasil, em 1939, foi trabalhar em Pirassununga, ali ficando por 13 anos.

Em 1950, Ano Santo, Padre Mário foi em viagem de férias à Holanda, sua terra natal e, em agosto, assistiu à ordenação de seu irmão caçula, Frei Henrique, capuchinho.

Naquela ocasião, Padre Mário, mais seis irmãos padres e uma irmã freira, estiveram em Roma, em companhia de sua veneranda mãe, que recebeu uma comenda especial das mãos do próprio Papa Pio XII.

AQUI OS OITO IRMÃOS COM SUA SANTIDADE O PAPA PAULO VI

Muitos de nós guardam ainda aquela foto- santinho do Papa junto à mãe de sete filhos padres!

Padre Mário tinha uma extraordinária capacidade de trabalho, menor apenas que sua generosa disponibilidade.

Em 1952, os Superiores o nomeiam para a cidade de Itajubá , Sul de Minas, onde ele iria iniciar um novo ciclo de realizações no campo do ensino, da formação e da pastoral.

Lecionava no seminário, Instituto Padre Nicolau (IPN), e no Colégio Itajubá , exercia intensas atividades pastorais na cidade e na zona rural.

NO IPN

Seu talento se multiplicava e o povo lhe devotava um carinho todo especial.

Fiel ao lema do MSC, "ad omne opus bonum paratus", é convocado para o delicado cargo de Diretor do Escolasticado, em 1957, em substituição ao Padre Antônio Vermin, em viagem de férias na Holanda.

Em 1964, deixa novamente sua querida Itajubá e volta ao primeiro ninho, Pirassununga, onde iria ficar durante três anos, exercendo entre outros misteres, a função de Diretor do Seminário de Adultos.

Arrumar e desarrumar malas era algo que ele fazia com a maior naturalidade.

Em março de 1977, voltando de mais um domingo cansativo de atendimento à vizinha comunidade de Wenceslau Braz, Padre Mário sofreu um sério acidente de carro, ficando entre a vida e a morte.

Tinha início ali uma dolorosa via-sacra de cirurgias que iriam debilitá-lo até, seus últimos dias.

Contudo, apesar do acidente e de suas seqüelas, o nosso bravo confrade não era homem de se entregar.

No ano seguinte, reassume a direção do colégio, envolve-se novamente com os trabalhos pastorais e, num ritmo menos febril, ei-lo em ação com o zelo e o fervor de sempre.

Espírito alegre e acolhedor, estava sempre cantando pelos corredores.

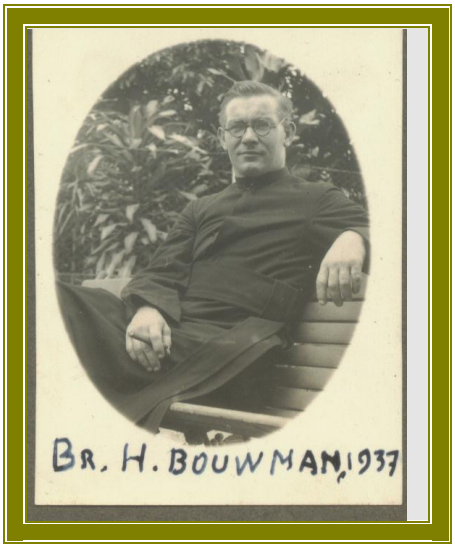
Durante o recreio da comunidade, era criativo e se tomava o centro das rodas de jogos de cartas. Aliás, foi assim que ele morreu, em Alfenas, após ter celebrado a missa das 19 horas, num recreio alegre na companhia de alguns confrades.

Falar do Padre Mário e de sua vida tão fecunda na frutificação de seus inúmeros talentos, seria um desfiar de lembranças que não acabam mais.

Hoje no céu, entre tantos ofícios na Casa de Deus, certamente sua voz, ainda mais bonita, veio reforçar o coro dos anjos, para louvar o Senhor cantando: "Scio cui credidi", eu sei em quem acreditei!

Padre Humberto Capobianco MSC, , Mestre de Noviços em Pirassununga

IRMÃO HENRIQUE FORGERON



UM CORAÇÃO DE MENINO

O leitor da Revista Anais já percebeu a importância, a quase veneração e o afeto que devotamos aos nossos maiores, aos velhos confrades que fincaram as raízes dessa obra fecunda que eles, os Missionários do Sagrado Coração, há 90 anos, vêm realizando no Brasil.

Esta coluna "GENTE NOSSA" não tem outro escopo senão ouvir um conselho que nos dá o Eclesiástico, quando diz: "Laudemus viros gloriosos", isto é, "Vamos fazer o elogio dos homens de valor, dos nossos antepassados, através das gerações".

E nós que pudemos conhecer muitos deles, conviver e aprender com eles, agora testemunhamos como aquele personagem de "Y - Juca-Pirama", "Meninos, eu vi!".

Trata-se de uma maneira de cultivar as boas tradições, de tal modo que as gerações futuras poderão sempre repetir: "Nossos pais nos contaram! Nos tempos de seminário, em Pirassununga, no meio de mais de 20 religiosos, Padres e Irmãos, havia um que chamava a atenção pelo seu físico avantajado, porte

hercúleo e voz tonitruante, característica que não conseguiam esconder uni coração de criança.

Num ambiente conventual, filas silenciosas nos longos corredores, lá estava ele, à porta do refeitório, um piscar de olho e um sorriso matreiro e brincalhão, como a nos dizer que aquela seriedade toda não calhava bem com nossa turbulência infantil...

Estou me referindo ao saudoso **Irmão Henrique ou Irmão Forgeron** (ferreiro, em Francês) nome que nós aportuguesávamos para Irmão Forgerão.

Diziam que seu pai sempre trabalhou com ferragens, na Holanda, donde o Irmão veio para o Brasil, em 1937.

Forgeron, ferreiro, era bem o retrato daquele homem que tinha, entre seus ascendentes, gente rude e forte, acostumada ao trabalho duro, no manejo da marreta e da bigorna.

Entre os Irmaos leigos havia alguns mais letrados, como o Ir. Francisco e o Ir. Adriano, o qual ministrava quase todas as disciplinas da primeira série, a que chamávamos de Sexta.

O Ir. Henrique, não. Seu forte era o trabalho, era a ação, o movimento. Era a disponibilidade em pessoa, sempre alegre e serviçal, executando as tarefas mais difíceis, humildes e, por vezes, repugnantes.

No pátio, batina surrada, rosto afogueado, gotejando suor por todos os poros, lá estava ele arrebentando velhas manilhas e, com as mãos calosas e sem luvas, manuseando dejetos e sem fazer cara de nojo em meio àqueles ares nauseabundos.

E nós o admirávamos mais ainda porque nem assim ele perdia a naturalidade e o sorriso moleque e brincalhão.

Padre Mário, maestro de nosso coral, em dias mais solenes como nas festas do Padre Superior, convidava o bom Irmão para reforçar o time dos baixos.

E como ele gostava de cantar junto conosco, lá no coro da velha igreja do Rosário! Sua missa predileta era a Pontificalis, de Perosi, quando ele caprichava nos tons graves, especialmente nos belos contrapontos do Sanctus....

Mas, em matéria de canto, o que o enchia de orgulho era relembrar seus tempos de Bauru, quando trabalhou em nossa paróquia da Vila Falcão, que não tinha boa

fama e que por causa de algumas brigas de botequim, era apelidada de "Arrisca-Vida".

Pois bem, na paróquia da Vila Falcão, Ir. Henrique, junto com o Padre Luiz Nieuwenhuis, formara um coral de crianças e, entre elas havia um menino de voz bonita e maviosa que se chamava Mauro.

Anos mais tarde, esse menino entrou para o seminário, em Pirassununga, aprimorando sempre mais seus pendores para a música e o canto.

E como o Ir. Henrique se orgulhava desse vocacionado que, ordenado padre, mais tarde seria missionário na Indonésia, que hoje, em Eindhoven, na Holanda, (quem diria!) vive sua vocação de contemplativo feliz!

Estamos falando do antigo confrade, o caríssimo monge, Dom Mauro Pasquareili.

Ir. Henrique trabalhou em diversas casas da Província, no Brasil, onde viveu quase 40 anos.

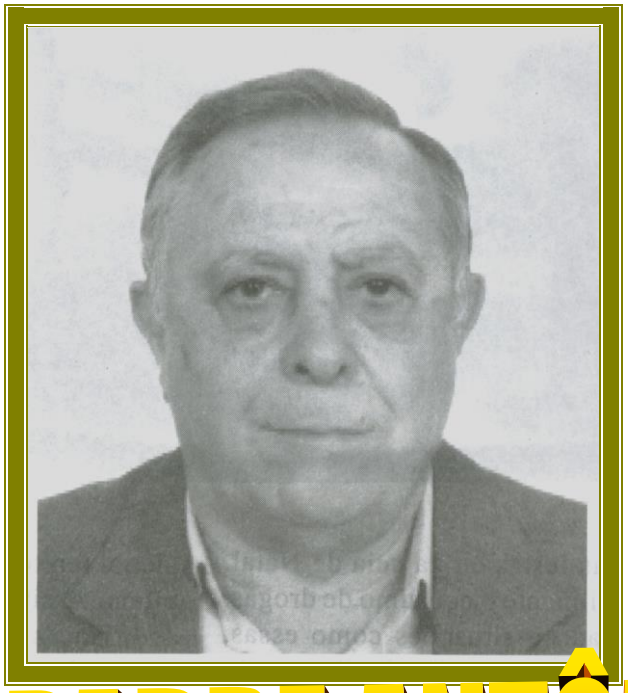
Faleceu em Lages, SC, 1979, aos 69 anos, disposto e vigoroso ainda, vítima de infarto fulminante, um homem que dificilmente poderíamos imaginar fraco e inativo, preso a um leito de enfermo.

Na retina da memória, lembrando as pessoas que mais admiramos, jamais iremos esquecer esse homem que alegrou nossa juventude e nos deixou um belo testemunho de disponibilidade, de alegria e de partilha.

Ao bom Irmão cabe muito bem a palavra de Jesus:

"Pai, eu te louvo e agradeço porque revelaste as coisas do Reino aos pequenos!

Padre Humberto Capobianco, MSC, Mestre de Noviços em Pirassununga



PADRE ANTÔNIO CORTEZ

DE CORAÇÃO ABERTO A DEUS E AO PRÓXIMO

Padre. Antônio Cortez nasceu, na então Soledade de Itajubá (Delfim Moreira) aos 17 de junho de 1927, sendo seus pais, Benedicto Rodrigues Ferreira e Rosina Cortez.

Filho de piedosa e numerosa família que soube transmitir aos filhos a fé católica, o pequeno Antônio foi coroinha na Matriz de sua cidade.

O venerando Pe. Leopoldo Van Liempt MSC, Pároco de Delfim Moreira, o encaminhou à Escola Apostólica de Pirassununga, em fevereiro de 1939.

Após seis anos em Pirassununga, foi admitido como noviço MSC. Professou na Congregação no dia 2 de fevereiro de 1946.

Emitiu os votos perpétuos aos 2 de fevereiro de 1949. No dia 22 de dezembro de 1951, na capela do Seminário Maior de Vila Formosa, tornou-se presbítero da Igreja.

Dotado de inteligência brilhante, tanto especulativa como prática, foi nomeado professor de Teologia Fundamental, Psicologia, Ascese e História da Igreja no mesmo Seminário.

PADRE ANTÔNIO CORTEZ NO ESCOLASTICADO

Em 1955, foi nomeado professor de inglês, Latim e francês e Diretor de Estudos na Escola Apostólica de Pirassununga.

Dotado de forte liderança, em 1957 , transferido para o Instituto Padre Nicolau, em Itajubá , como Diretor.

Em 1958, nomearam-no Conselheiro Provincial. Ocupou, também, o cargo de recrutador vocacional no ano de 1961.

Em 1962, substituiu o Pe. Leopoldo Van Liempt como Superior e Diretor do Instituto Padre Nicolau.

Jovem e dinâmico, soube cativar os corações dos cem seminaristas que habitavam a casa.

Os adolescentes sempre o consideraram como um pai e solidário nos momentos tristes e alegres.

Como educador sabia perscrutar os corações dos seus formandos. Vez por outra, planejava um passeio-surpresa.

Lá ia a garotada no caminhão coberto por uma lona em direção a Parati, Caraguatatuba, Ilha Bela, Agulhas Negras e Marins.

Sem severidade e sem afetação, conquistava facilmente a simpatia dos "meninos".

Sempre vivo e observador, sabia o momento certo de corrigir ou elogiar. Pela sua acolhida e bondade, ele, sem dúvida, marcou várias gerações.

O Padre Antônio fez jús ao seu sobrenome herdado de sua mãe: Cortez. Sim, era extremamente cortês.

Humano, calmo e acolhedor, sempre tinha uma palavra de otimismo para cada um que encontrasse. Um grande coração bateu no seu corpo saudável.

Como Superior do IPN foi, também, vigário paroquial de Piranguçu. No final de 1964, despedia-se do seu querido IPN para ser Pároco da Matriz de Nossa Senhora Aparecida, em Bauru, e Superior da Comunidade Religiosa.

Em 1965 foi confirmado como Conselheiro Provincial. Em dezembro de 1970 foi eleito Superior da Província Brasileira.

Durante esses anos tumultuados do pós-Concílio a sua gestão foi marcada por muito sofrimento e incertezas.

Mesmo diante das críticas justas ou injustas, nunca se ouviu dele uma palavra de amargura ou ressentimento.

Diante de tantos problemas nunca perdeu a serenidade. Ao contrário, manteve a calma até o último dia de seu mandato. Sabia ser misericordioso para com seus irmãos na Vida Religiosa e, como Provincial, sobreviveu às tempestades que abalaram a vida da Igreja do pós-Concílio.

Cerca de 25 confrades abandonaram o ministério sacerdotal durante seu provincialato.

Sem se alterar externamente e sofrendo interiormente, soube acolher e compreender a opção de cada um. Nobre, alegre e otimista, jamais perdeu

a esperança no futuro da Vida Religiosa. Incentivou com coragem a abertura do seminário menor quando esse já fechava suas portas.

Após seu provincialato tornou-se Diretor do Colégio "La Salle", em Bauru, até sua volta à casa paterna.

Ali, granjeou a simpatia dos alunos e professores. Era amado pela sua dedicação, especialmente pelas famílias com poucos recursos financeiros.

Ninguém deixou de ser aluno do "La Salle" por falta de recursos econômicos. Foi pai, irmão e amigo!

No ano de 1999, prisioneiro de uma intermitente febre, deslocou-se várias vezes para São Paulo e foi submetido a vários exames.

Foram, praticamente, dois anos de uma Via-sacra que parecia interminável.

Os médicos, por mais capacitados que fossem, tiveram dificuldades em encontrar a causa de tanta debilidade.

E nesta Via-Crucis, nunca ouvimos dele uma palavra de revolta ou queixa. Paciente e bem humorado, manteve a serenidade até o fim.

Após duas semanas inconsciente na UTI, entregou sua alma a Deus, confortado com os Sacramentos da Igreja.

O coração do valente guerreiro não pôde suportar tantas enfermidades.

Entregou sua alma ao Criador às 12h, na Beneficência Portuguesa de São Paulo.

Hora bendita do "Angelus"! Maria, Nossa Senhora do Sagrado Cora‡ao veio em seu auxílio.

Louvemos a Deus, o Pai das Misericórdias pela vida e pelo ministério desse amado irmão.

Padre Cortez, rogue a Deus por nós e pela sua querida Congregação.

Pe. José Roberto Bertasi, msc Superior Provincial

PADRE HENRIQUE ALOFS À ESQUERDA

PADRE HENRIQUE ALOFS

ELE ERA O MAIS QUERIDO

"PADRE HENRIQUE ERA UM RELIGIOSO INTEGRO: PIEDOSO, HUMILDE, SERVIÇAL, UM VERDADEIRO TRAÇO DE UNIÃO NO SEMINÁRIO"

Em 1936, ele veio da Holanda e foi trabalhar na Escola Apostólica de Pirassununga, como professor.

Ministrava várias disciplinas, mas a sua especialidade era o francês, idioma no qual nos iniciava, desde as lições elementares do velho Said Ali, até os textos clássicos do saboroso "Morceaux Choisis".

Se naquele tempo, décadas de 40 e 50, a gente pudesse fazer uma pesquisa no seminário, para saber qual o professor mais querido, certamente o Padre Henrique Alofs ganharia em primeiro lugar.

Professor brilhante, aliava à sua natural bondade, o dom de ensinar com clareza e entusiasmo.

Como sabia nos cativar, mesclando suas aulas de gramática com aqueles tão esperados 15 minutos finais em que nos empolgávamos ouvindo as aventuras de Tom Playfair e Cláudio Lightfoot, bem como do nosso brasileiríssimo Tibico, herói daquele livro inesquecível, "Aventuras de um Escoteiro"!

Padre Henrique era um religioso íntegro: piedoso, humilde, serviçal, um verdadeiro traço de união no seminário.

Na comunidade de Padres, Irmaos e seminaristas, um grupo de uma centena de pessoas, em meio a inúmeros misteres e atividades, a escola se transformava numa pequena cidade.

Além da formação espiritual e humana, foco central das preocupações dos padres, tinha lugar de destaque também a formação intelectual e artística.

Durante o ano, havia celebrações que eram verdadeiros marcos no calendário da escola, empenhando todos os membros da comunidade.

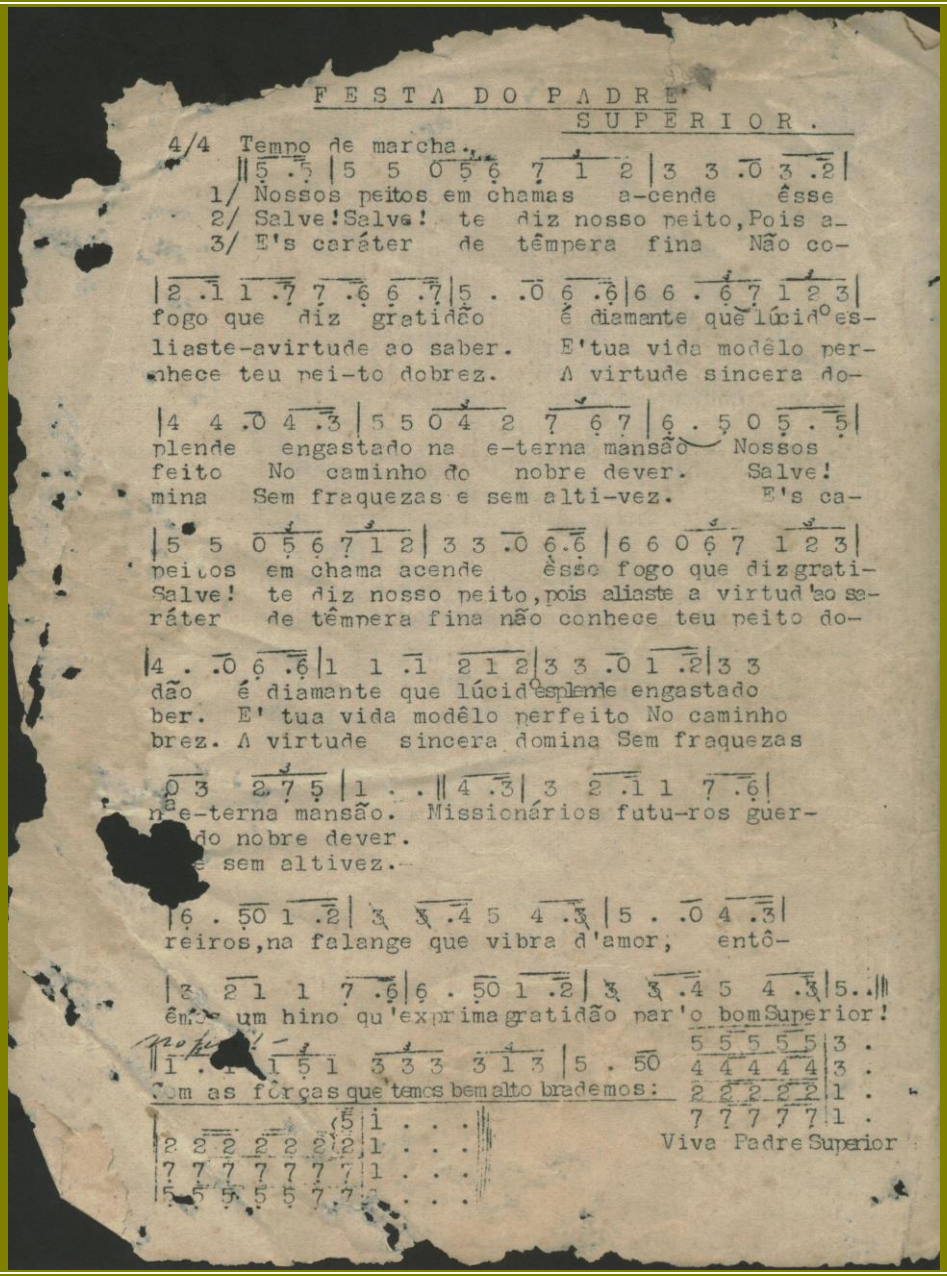
Assim, nunca iremos esquecer as noites de Natal na Escola Apostólica: a festa era precedida da belíssima novena, cujo refrão "Regem Venturum Dominum, venite, adoremus!", ia nos colocando no clima da Natividade do Senhor.

Depois, as três missas, a primeira era solene, seguidas da confraternização no Salão Nobre, artisticamente enfeitado, onde mesas fartas nos aguardavam.

À noite havia a peça teatral, que naquelas ocasiões costumava focalizar um tema religioso.

Jamais esqueceremos aquelas belíssimas apresentações como "O Rei Gaspar, "A Estrela Apareceu", "Pai Abade Tem Razão" e "O Diabo Feito Bobo", muitas delas de autoria do saudoso Padre José Maria de Beer, ensaiadas pelo Padre Donato!

As festas de aniversário do Padre Superior eram também celebradas com esmero, não faltando a missa solene e o teatro, eventos que exigiam meses de preparação.



FESTA DO PADRE'
SUPERIOR.

4/4 Tempo de marcha.

1/ Nossos peitos em chamas a-cende êsse
2/ Salve! Salve! te diz nosso peito, Pois a-
3/ E's caráter de têmpera fina Não co-

fogo que diz gratidão é diamante que lúcido es-
liaste-avirtude ao saber. E'tua vida modêlo per-
nhece teu pei-to dobrez. A virtude sincera do-

plende engastado na e-terna mansão Nossos
feito No caminho do nobre dever. Salve!
mina Sem fraquezas e sem alti-vez. E's ca-

peitos em chama acende êsse fogo que diz grati-
Salve! te diz nosso peito, pois aliaste a virtud'ao se-
ráter de têmpera fina não conhece teu peito do-

dão é diamante que lúcido esplende engastado
ber. E' tua vida modêlo perfeito No caminho
brez. A virtude sincera domina Sem fraquezas

na e-terna mansão. Missionários futu-ros guer-
do nobre dever.
e sem altivez.

reiros, na falange que vibra d'amor, entô-

êm um hino qu'exprima gratidão par'o bom Superior!

Com as fôrças que temos bem alto brademos:

Viva Padre Superior

CONTRIBUIÇÃO DO SÉRGIO JOAQUIM DE ALMEIDA

E os ensaios da orquestra, da banda, os trabalhos da Academia Pio XI!

Nesse universo de iniciativas e atividades, como era difícil a distribuição dos horários num esquema já apertado e rígido.

A gente era criança, mas já notávamos os naturais conflitos de interesses, cada qual procurando vantagem para fazer o melhor possível.

E nessas ocasiões, nós, crianças e adolescentes, já percebíamos também as atitudes nobres do Padre Henrique, procurando sempre somar, preenchendo lacunas, substituindo confrades e incentivando a todos.

Mas havia duas festas cuja coordenação ficava quase toda por conta dele: a festa de Santa Cecília, Padroeira da Música, dia 22 de novembro, e o Dia das Missões, ocasiões em que, no Salão Nobre, podíamos assistir às chamadas "sessões líteromusicais", belíssimas apresentações de canto, piano e poesia, com a presença feminina da saudosa Dona Nhazinha, professora de piano no seminário.

Padre Henrique fazia tudo com paixão.

Todas as sextas-feiras os seminaristas eram convidados a se confessar e o Ir. Francisco, de manhã, na sala de estudos, ia distribuindo umas papeletas, onde o penitente escrevia o nome de seu confessor e assinava.

À tarde, a partir do recreio após o jantar, os padres confessores distribuíam os bilhetes e era flagrante a maioria de seminaristas que se dirigiam ao confessionário do Padre Henrique, o padre bondoso, amigo e de coração compassivo.

Seu senso de humor era proverbial.

Certa vez, após o banho, no vasto dormitório onde o silêncio devia ser absoluto, um colega, espelhinho numa mão e pente na outra, aparava a cabeleira toda molhada, quando, vendo a poça d'água desenhada no chão, o bom padre, livro na mão esquerda e o cigarrinho na outra, achegou-se ao menino e lhe disse baixinho a famosa frase de Voltaire: "Après nous le deluge!"

E se afastou com um sorriso maroto nos lábios.

Como se vê, com humor e em francês, ele "transgredia" o silêncio que não era tão absoluto assim...

Esse era o nosso bom Padre Henrique. Depois de quase 30 anos de Brasil, ensinando sempre, no seminário de Pirassununga, e mais tarde no Instituto Padre Nicolau, em Itajubá , Sul de Minas, adoentado, voltou para a Holanda, sua terra natal, onde continuou trabalhando, especialmente no apostolado com os idosos.

No dia 29 de março de 1987, num Domingo, dia de ressurreição, aos 78 anos, entregou sua bela alma a Deus esse sacerdote virtuoso que, pela sua bondade e alegria, foi para todos nós, seus alunos, um lídimo testemunho das virtudes do Coração de Jesus.

Padre Humberto Capobianco, MSC, Mestre de Noviços Pirassununga - SP

IRMÃO ADRIANO UM HOMEM MANSO E HUMILDE DECORAÇÃO

Quando, criança ainda, entramos na Escola Apostólica, em Pirassununga, nos idos de 40, uma coisa logo nos chamava a atenção: havia um grupo de mais de 20 religiosos, uns mais velhos, outros nem tanto, todos vestidos de preto.

Uns conviviam conosco, na capela e no refeitório, enquanto o outro grupo tinha um refeitório diferente e ocupava lugar especial na capela.

Mais tarde, viríamos a saber que uns, aqueles que usavam colarinho branco e cordão, eram os padres, ao passo que os outros eram Irmaos.

Os primeiros, celebravam missa, os outros, não. Os padres eram professores e impressionavam a gente quando passavam pelos corredores sobraçando pilhas de livros e cadernos.

Sabiam Grego, Latim, Alemão, inglês, Matemáticas e outras ciências e, quando estavam longe de nós, falavam uma língua ininteligível, o holandês.

Os Irmãos se devotavam mais ao trabalho manual: havia o cozinheiro, o hortelão, o porteiro, além daquele que administrava o Sitio do Barrocão.

Mas havia um deles que, além de outras ocupações, era professor na primeira série ginasial, onde nos ensinava História Pátria, História Sagrada, Liturgia e a velha Aritmética, aquela parte da Matemática que nos introduzia na arte de calcular: era o Irmão Adriano!

Chegara a Pirassununga, em 1942, já com mais de 20 anos de Brasil, tendo trabalhado antes em várias de nossas paróquias, no sul de Minas e na região noroeste de São Paulo.

Inteligente, dono de sólida pedagogia, era de uma paciência sem limites com os alunos menos dotados.

Usando a lógica do mérito, sempre reservava os cinco minutos finais da aula para contar histórias, desde que a classe se comportasse.

E como sabia contar histórias o bom Irmão! Memória prodigiosa, mestre de suspense, ficávamos dependurados de seus lábios quando narrava o livro "Vítima do Dever", relato de um padre que fora condenado por não revelar o segredo da confissão, ou quando nos divertia com as aventuras de Tom Playfair!

No fim da Quaresma, naqueles dias que precediam o Tríduo Pascal, Ir. Adriano interrompia a narrativa de histórias profanas para nos contar o evangelho da Paixão e Morte de Jesus, mas de um jeito que só ele sabia fazer.

Suas palavras, repassadas de unção e piedade, iam lhe embargando a voz, e as lágrimas brotavam de seus grandes olhos azuis.

E no silêncio profundo da sala, nós também éramos tocados pela comoção diante daquela veneranda figura a chorar.

Homem sempre ocupado, muitas e variadas eram suas atribuições no seminário. Sacristão da igreja do Rosário, era ele que ensaiava os coroinhas.

E como disputávamos um lugar no presbitério, batina vermelha e sobrepeliz branca, empunhando a tocha ou balançando o turíbulo, nas cerimônias com a bênção do Santíssimo!

IRMÃO ADRIANO É O TERCEIRO DA DIREITA PARA A ESQUERDA DE PÉ EM 1923 DURANTE RETIRO

Às quintas-feiras, o único dia da semana em que havia futebol, era o Ir. Adriano o encarregado de olhar os menores e administrar os jogos do "Campinho", na rua Bom Jesus, espremido entre o Campo Médio e o Campo da Retórica, aquela ruela de terra e cheia de buracos, que ia morrer nos baixos do Ribeirão do Ouro.

Alternando na boca, o apito e o cachimbo, ele ia observando os novos (hoje, seriam as divisões de base!), promovendo es mais habilidosos para o tão cobiçado Campo Médio, aquele retângulo rodeado de mangueiras e eucaliptos, com fácil acesso às tentações do pomar, uma espécie de Éden onde floresciam várias árvores da ciência do bem e do mal.

Irmão Adriano permaneceu quase 20 anos em Pirassununga, donde foi transferido para Ibicaré, SC, e mais tarde, Itajubá, MG, tendo trabalhado em nossos três seminários menores.

Em 1968, vamos encontrá-lo outra vez em Pirassununga, onde, com mais de 80 anos, alquebrado pela idade e pela doença, passou seus últimos dias entre nós.

Foram 50 anos de Brasil! De volta à Holanda, sua terra natal, o bom Irmão vem a falecer no dia 10 de novembro de 1968.

Quando, no exterior, a serviço da Congregação, passamos pela Holanda a fim de rever os MSC que um dia estiveram entre nós e que mais tarde retornaram à pátria, constitui ponto obrigatório a visita ao belo cemitério da casa de Tilburg, onde em meio a um belíssimo jardim das mais variadas flores, repousa o nosso caríssimo irmão.

Lá, absorto num mundo de lembranças que nos despertam a memória e mexem com o coração, fazemos uma prece, que, mais de intercessão que de sufrágio.

Pedimos ao Ir. Adriano, aquele homem manso e humilde de coração, que, de junto do Pai, ele continue olhando por nós, eternos alunos seus, e nos ajude a assimilar e a viver todos os belos testemunhos que ele nos deixou.

Padre Humberto Capobianco, MSC, Mestre de Noviços

OBSERVAÇÃO: IRMÃO ADRIANO LANDSBERG CHEGOU AO BRASIL EM 1919

PADRE ADRIANO HENRIQUE TEMMINK

As 13:10 hs do dia 23 de setembro de 1990, após o almoço, quando fazia uma pequena caminhada na praça da matriz, Pe. ADRIANO entregou sua alma a Deus.

Acometido de uma sincope cardíaca foi levado imediatamente ao hospital, onde já chegou sem vida.

ADRIANO HENRIQUE TEMMINK nasceu aos 10 de agosto de 1914 em Amsterdã, Holanda, tendo sido batizado no mesmo dia na paróquia de São Willibrordo.

O casal, João Henrique Temmink (pintor) e Ana Maria Struylaart (dona de casa), teve 06 filhos (03 homens e 03 mulheres).

Adriano foi o quarto nascido. Findos seus estudos primários (1920-28) na escola "São Willibrordo" Adriano, com 14 anos, entrou para a Escola Apostólica dos Missionários do Sagrado Coração de Jesus, em Driehuis.

Aos 21 de setembro de 1934, iniciou seu período de Noviciado em Berg en Dal, terminando com a primeira profissão religiosa, na mesma data do ano

seguinte.

Cursou em Arnhem os dois anos de Filosofia (1935-37), transferindo-se então para Stein onde fez os quatro anos da Teologia (1937-41), e voltando finalmente a Arnhem para o estágio pastoral (1941-42).

Um ano após os Votos Perpétuos (21.09.38), recebeu o Diaconato (24.12.39) e enfim o Sacerdócio, em Stein aos 10.08.1940. Grassava na Europa a 2ª Guerra Mundial, quando Pe. Adriano recebeu sua primeira nomeação de ecônomo, inicialmente em Stein (1942) e logo em seguida no seminário de Driehuis (1934-45).

Providenciar alimento para tantos meninos seminaristas em tempo de carestia de guerra não era tarefa simples.

Contudo, dotado de muita calma, fértil imaginação e grande coragem, o jovem padre enfrentou difíceis empreendimentos e arrostou arriscadas aventuras para cumprir sua incumbência.

Nos últimos anos de
sua vida, ele nos contava várias dessas peripécias do tempo de juventude. Acabada a guerra, em 1945, foi prestar seus serviços na "Una Sancta" de Roterdã e, no final do ano, foi nomeado para o Brasil.

Aos 20 de janeiro de 1946, desembarcou no porto do Rio, pisando pela primeira vez as terras brasileiras, que seriam sua segunda pátria.

De 1946-51, Pe. Adriano lecionou várias disciplinas na Escola Apostólica de Pirassununga, especialmente a língua inglesa.

Era professor bastante exigente, mas muito respeitado por sua eficiência. Alto, tez clara, cabelos de fogo, olhos azuis, mostrava-se sempre risonho, e era, ao mesmo tempo, severo e compreensivo para com os alunos.

Havendo na Escola outros dois confrades de nome "Adriano", aceitou ser chamado de Pe. Lourenço, em homenagem ao seu santo protetor.

Nos anos de 1952 a 1954 foi coadjutor e capelão em Alfenas. A paróquia de Presidente Alves o teve como vigár
io pelo quadriênio de 1955-58.

Exerceu a seguir o cargo de Superior local por três anos (1959-61) na comunidade religiosa de São José do Rio Preto.

E, em 1962, foi recebido como vigário pela cidade de Ponte Serrada, SC, de onde não mais haveria de sair.
Entre aquele homem de 48 anos e essa cidade catarinense, durante quase três décadas de convivência, nasceriam fortíssimos laços de amizade e confiança, que nem mesmo a morte separaria.

Em Ponte Serrada, Pe. Adriano realizou muitas obras e fez muitas construções: a igreja matriz, a casa canônica, o asilo, o prédio da rádio, a casa das Irmãs... e colaborou na construção da escola municipal e do grande centro comunitário.

Incansável operário na vinha do Senhor, por muitos anos atendeu sozinho as 30 capelas/comunidades da paróquia.

Pastor zeloso, cuidou da catequese, velou pelos velhinhos, preocupou-se com a educação das crianças, impulsionou a pastoral vocacional, visitou doentes, organizou os ministros leigos, trouxe as Irmãs para a paróquia, deu especial atenção aos pobres e humildes trabalhadores das serrarias e da roça, tendo, enfim, um coração de pai para com seus paroquianos.

A medida que seus cabelos encaneciam, mais caridoso se tomava para com todos os que dele se aproximavam.

Cumprindo o que escrevera em uma de suas cartas, soube se adaptar às mais diversas situações: "Não devemos querer que o lugar e as pessoas se adaptem a nós, mas nós é que devemos nos adaptar a eles".

Escrevera também: "Rezo para ter a coragem de mudar o que se pode e se deve mudar, e para suportar o que não se pode mudar, pedindo a luz para distinguir bem uma coisa da outra".

Convencido de sua condição de peregrino nesta vida terrestre e animado de inabalável confiança no amor misericordioso do Pai, reconhecia-se pecador e era profundamente grato a Deus e à Congregação pelas graças e benefícios recebidos.
Homem de fé e temente a Deus, era ao mesmo tempo um homem de bom senso, equilibrado, prudente e sábio.

Suas palavras pausadas e ponderadas eram ouvidas com atenção e respeito nas reuniões e assembléias dos confrades da Província. Atuava também nas mentes e nos corações dos indivíduos em particular. Padres jovens e menos jovens, religiosos e diocesanos, e ainda os leigos, a ele recorriam como confessor e orientador espiritual.

Conquanto muito ativo, não escondia sua atração pela vida contemplativa, como ele mesmo escrevera em carta de 1970. Os trabalhos não o impediam de ser um homem de oração e de cultivar a vida interior. Muitos livros de leitura espiritual e de oração foram encontrados sobre sua escrivaninha e à cabeceira de sua cama.

Por sua imperturbável fidelidade aos compromissos da vida religiosa, fora alcunhado pelos colegas de "o monge de ferro".

Como MSC, Pe. Adriano se mostrou simples, humilde, bondoso, piedoso, devoto de NSSC, trabalhador, amante da justiça e solícito para com todos, especialmente para com os mais deserdados.

Sua morte parou a cidade. No final do domingo (23 de setembro) e toda a segunda-feira, milhares de pessoas desfilaram, Igreja adentro, junto ao caixão para dar o último adeus e prestar a homenagem póstuma àquele que tanto os amara.

Durante todo o tempo, e especialmente nas três últimas horas antes da Santa Missa, orações, cantos, leituras bíblicas, palavras de fé, esperança e gratidão, eram, emocionalmente coordenadas por um de nossos confrades e iam sendo difundidos pelos alto falantes da matriz ao povo da cidade e transmitidos às roças pela rádio Nambá .

Assim, todos os habitantes de Ponte Serrada, da cidade e do campo, puderam acompanhar e participar das exéquias do seu vigário.

Pe. Adriano, entre tantas alegrias dos últimos meses, também sofreu bastante.

Dissera ao seu Superior local: "Estou muito feliz!" As comemorações de seu jubileu de ouro sacerdotal decorriam alegremente, quando Pe. Adriano foi informado, por telefonema da Holanda, que sua irmã mais nova falecera no próprio dia da festa.

Acolheu com fé e esperança a dolorosa notícia. No dia 4 de setembro, nova mensagem da Holanda comunicava que seu irmã o mais velho acabara de falecer.

As alegrias e as dores iam abalando aquele sensível coração. Não chegou a participar do Retiro espiritual da Província, pois não se sentia bem.

Visitado dias atrás por um confrade pediu a unção dos enfermos e se confessou.

Foi ainda levado pelo Superior ao hospital local para um eletrocardiograma, que alarmou o médico.

Despediu-se dos funcionários do hospital como se fosse pela última vez. No derradeiro Domingo de manhã, não sentindo forças para celebrar, participou dos atos para litúrgicos, comungando piedosamente e entre lágrimas de alegria, dizia: "Como Deus é bom; permitiu-me comungar mais uma vez".

A missa de corpo presente foi concelebrada por 32 sacerdotes (MSC e diocesanos), um bispo, (Dom José Gomes, de Chapecó e presidida pelo titular da Igreja particular de Joaçaba, o bispo Dom Henrique Muller, O.F.M.

No final da missa, o Pe. Provincial fez a encomendação do corpo.

Procedeu-se, em seguida, a uma procissão ao redor da Igreja; grande multidão, por alguns estimada, aproximadamente, em 10.000 pessoas, acompanhou o féretro, levando a cruz e diversas bandeiras, a nacional e as das irmandades religiosas. Terminado o longo enterro, veio o sepultamento.

Atendendo ao pedido do povo, obtida a permissão do sr. bispo e a licença do Sr. prefeito, a Província concordou que o corpo de Pe. Adriano fosse sepultado na própria cidade, que ele servira por longos anos.

O sepulcro aberto, debaixo da marquise, entre as duas portas de entrada da Igreja, situa-se bem próximo do local da pedra fundamental.

Uma grande lápide fechou o sepulcro, sobre a qual se espalhou terra para servir de pequeno jardim.

Múltiplas corôas de saudade e algumas velas ornaram imediatamente o local. Entre orações e cantos, ramalhetes de azaléia iam passando de mão em mão, e a multidão espontaneamente arrancava as flores e as atirava em direção ao túmulo. Não fossem as lágrimas e o tom fúnebre das cerimônias, dir-se-ia estarmos assistindo à uma apoteose.

Até o tempo colaborava. Se os dias anteriores tinham sido nublados e chuvosos, agora, apesar da temperatura fria, o sol era brilhante e azul era o céu.

Pe. Adriano, descanse em paz e rogue a Deus por nós
Pe. Henrique B. Roberto, msc Superior Provincial

"Não devemos querer que lugar e as pessoas se adaptem a nós, mas nós, que devemos nos adaptar à eles".

Escrevera também:

"Rezo para ter a coragem de mudar o que se pode e se deve mudar, e para suportar o que não se pode mudar, pedindo a luz para distinguir bem uma coisa da outra".

PADRE ÂNGELO

Primeiro dos onze filhos do casal Santos D'Angelo e Maria Rosa Cardillo D'Angelo, Pe. Ângelo nasceu em Areado, MG, no dia 25 de abril de 1921.

Educado na fé católica, entrou para a Escola Apostólica de Pirassununga em 1932, fazendo parte do segundo grupo do seminário.

Após seus estudos em Pirassununga, foi aceito no Noviciado, em 1939, emitindo os primeiros votos no dia 2 de fevereiro de 1940.

Foi Ordenado Sacerdote na capela provisória do Seminário Maior de Vila Formosa, no dia 27/12/1945, pelas mãos de Dom José Aguirre, bispo de Sorocaba.

Em 1947 foi nomeado professor de Direito Canônico e História da Igreja no mesmo seminário.

Em 1949, foi indicado pelos seus superiores para estudar na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma, bacharelando-se em Direito Romano e licenciando-se em Direito Canônico.

Em 1951, voltou ao Brasil continuou como professor de Direito Canônico.

Além de professor, exerceu o ministério pastoral na, então, periferia de São Paulo: Vila Matilde, Vila Talarico e Vila Dalila, onde lançou os fundamentos das futuras paróquias.

De 1956 a 1959, essas funções foram interrompidas, a fim de exercer o cargo de Superior da Escola Apostólica de Pirassununga.

Após três anos, voltou, novamente ao seminário maior.

Em 1958, foi eleito delegado da Província ao Capítulo Geral da Congregação. Em janeiro de 1962 foi indicado para trabalhar em Roma, na Congregação para os Religiosos, durante o Concílio Vaticano II, onde permaneceu até 1967.

De volta ao Brasil, foi requisitado pela CRB, para ser seu consultor jurídico, exercendo esse cargo no Rio de Janeiro e em São Paulo até 1970.

Em 1971, foi nomeado Superior da casa de Campinas e Mestre de noviços, onde exerceu ainda o cargo de capelão do Carmelo e Defensor do Vínculo no Tribunal Eclesiástico daquela cidade.

Em 1973, foi transferido para Pirassununga como Mestre de noviços e Assessor do Movimento Familiar Cristão.

De volta para Campinas, em 1974, foi nomeado vigário paroquial, e colaborava no Tribunal Eclesiástico.

Em 1976, assumiu o cargo de Diretor do seminário de Filosofia.

Neste ano, sofreu um infarto e foi operado pela equipe do Dr. Zerbini, recebendo quatro pontes de safena, na Beneficência Portuguesa.

Após sua recuperação, continuou em Campinas até o final de 1979.

Em janeiro de 1980, foi nomeado vigário paroquial da Paróquia São José e Dores, em Alfenas-MG.

Em 1981, regressa a Campinas na qualidade de vigário paroquial e capelão da capela São Roque.

PADRE ÂNGELO ESTÁ SENTADO –QUINTO DA DIREITA PARA A ESQUERDA - 1956 NO SEMINÁRIO MAIOR DE VILA FORMOSA

Em 1982, volta a Alfenas, onde passará 18 anos de sua vida. Ali, conquistou a simpatia do povo alfenense. Em agosto de 1983, foi indicado para a Arcádia de Letras de Alfenas. Ocupou a cadeira nº. 40 cujo patrono é o Pe. Adriano Van Iersel.

Pe. Ângelo adotou Alfenas como sua segunda "terra mãe".

Por decisão da Câmara Municipal, foi-lhe outorgado o título de Cidadão Alfenense.

Simples, amável e acolhedor, era muito procurado para o Sacramento da Reconciliação e orientação espiritual.

Sempre disponível, atendia a todos com a mesma bondade e delicadeza.

Como MSC, revestiu-se das virtudes do Coração de Jesus. Sempre afável, mostrou-se misericordioso, compassivo, terno e bondoso para com todos. Amou a Igreja e sua Congregação.

Foi exemplo de pertença a nossa Província. Mesmo sendo portador de grave insuficiência coronariana e hipertensão arterial, manteve o bom humor e participava, com alegria, dos eventos provinciais.

Em abril de 1998, escolheu como moradia a cidade de Pirassununga onde era muito conhecido e estimado. Nesse mesmo ano sofreu um acidente vascular cerebral.

Começou, então, uma longa Via-Sacra. Impossibilitado de andar e falar, necessitou de cuidados especiais (fisioterapia e fonoaudiologia). Graças a esses tratamentos e ao carinho dos confrades, noviços e leigos, obteve considerável melhora.

Em janeiro de 2000, sofreu um segundo AVC e por vários dias permaneceu internado na cidade de Araras.

De volta para casa, permaneceu sempre acamado e completamente dependente.

No último retiro provincial de que participou, confessou publicamente: "Não temo a morte, mas as circunstâncias da morte".

O que mais temia, Deus, na sua insondável providência, permitiu que se realizasse.

No dia 20 de agosto, no Hospital São Camilo, em Pirassununga, confortado pelos Sacramentos da Igreja, entregou sua alma a Deus.

No mesmo dia, às 16 horas, foi celebrada a missa de corpo presente com a participação de confrades, noviços, religiosas, parentes e amigos.

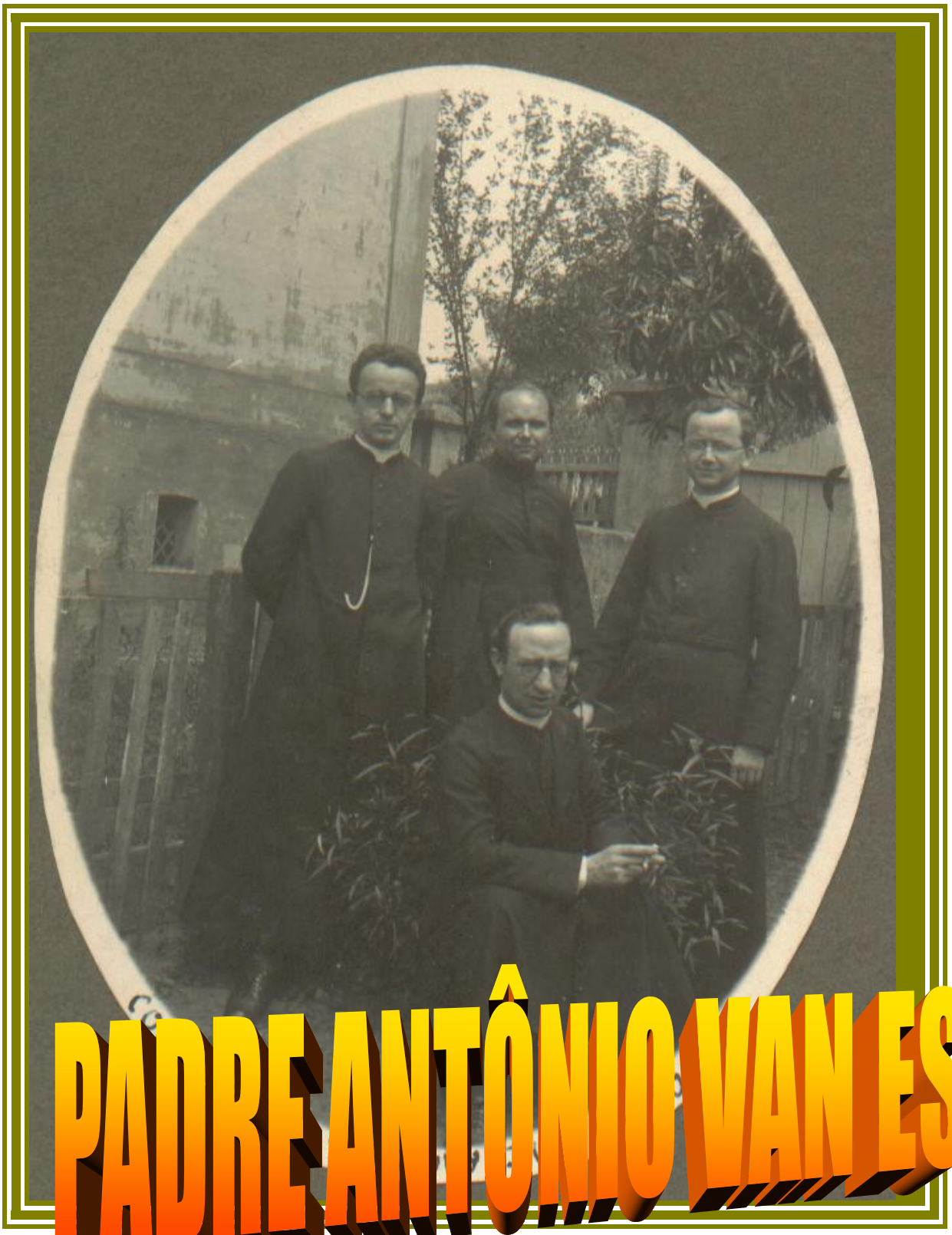
Seus restos mortais repousam em nosso cemitério, na esperança da ressurreição dos mortos.

"Caro Pe. Ângelo, seu coração está em paz porque repousa em Deus".

"Peça a Deus pela sua Congregação e por todos aqueles que você amou na terra".

"Obrigado pela sua vida e fidelidade a nesses 61 anos de religioso e 55 de sacerdócio!"

Pe. José R. Bertasi, MSC, Superior Provincial



PADRE ANTÔNIO VANES

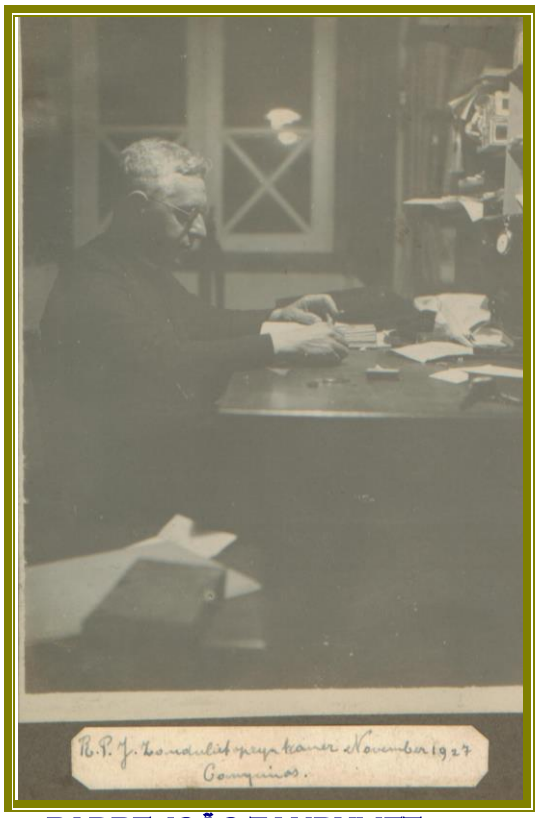
"Pelo seu testemunho alegre e cativante, foi o grande promotor vocacional que atraía inúmeros jovens para o seminário"

Esquadrinhando o velho livro de Crônicas da Escola Apostólica de Pirassununga, iniciadas 70 anos atrás, nas garatujas em forma de letras quase indecifráveis, da lavra do saudoso Padre José Wyjnands, lemos às fls. 15: "Dia 15 de agosto (1936), festa da Assunção, chega um telegrama comunicando que foi nomeado o primeiro Superior da Casa de Pirassununga, o R.P. Antônio Van Es.

Participado à comunidade, houve frenético aplauso. Dia 2 de setembro, chega o R.P. Arnaldo Geerts, Administrador Geral das obras no Brasil, empossado ontem em Campinas, e com ele o R.P. Antônio Van Es, nomeado Superior desta casa.

Recebidos festivamente na entrada da casa, com saudação por um dos alunos: casa enfeitada, cantos e alegria.

Dia 3, à noite, para honrar o Superior, representaram a peça de Ghéon: "O ENFORCADO DESENFORCADO ". Em regozijo, houve férias até o dia 9".



PADRE JOÃO ZANDVLIET

O escriba, autor dessas crônicas, designado Diretor da Escola Apostólica, pelo Provincial da Holanda, Padre João Zandvliet, era o Padre José Wyjnands que, trabalhando em Alfenas, mudou-se para Pirassununga, em 2 de novembro de 1931.

Ali encontrou o Padre Alberto Brandts e o próprio Padre Antônio Van Es, o qual, junto com Irmão Cornélio, já estava em Pirassununga, desde setembro de 1930, quando deram início à construção do majestoso prédio do seminário. Assim, nomeado primeiro Superior da casa, Padre Antônio ficaria no cargo até julho de 1946, quando foi transferido para Itapetininga, como Superior da casa do Noviciado.

Mas, deixemos de lado as datas, nomeações e transferências, e falemos da extraordinária figura humana deste sacerdote que começamos a conhecer em 1946, alguns meses antes de sua despedida de Pirassununga.

COMUNIDADE DE PIRASSUNUNGA

Baixa estatura, tipo "mignon", olhos vivíssimos penetravam mansamente a alma de seu interlocutor.

Dinâmico, dificilmente se via aquele homem parado. Até durante a homilia na missa, ele andava o tempo todo de um lado e de outro do presbitério.

E como eram simples e profundas suas considerações sobre o evangelho!

Na hora do recreio, na divisão dos Menores, misturava-se conosco e mostrava seus dotes de ginasta, executando passos de cócoras, bem ao estilo da dança dos cossacos das estepes da Geórgia.

Psicólogo finíssimo, era o orientador sábio e prudente que dissipava nossas dúvidas, fortalecia nosso ânimo e iluminava nossos caminhos.

COMEÇO DA CONSTRUÇÃO DO SEMINÁRIO DE PIRASSUNUNGA COM OS IRMÃOS CORNÉLIO LEYTEN E CORNÉLIO HENSEN

Mas sua marca mais patente era, sem dúvida, o seu coração de pai, acolhedor, magnânimo, bondoso.

Um véu de tristeza cobriu o seminário quando ficamos sabendo que ele deixaria Pirassununga, lá onde ele estivera durante 16 preciosos anos.

Em Itapetininga, Padre Antônio permaneceria até novembro de 52, quando foi nomeado para o seminário de Ibicaré, em Santa Catarina.

Em 1955, voltando de férias da Holanda, o primeiro enfarte sinalava para a doença que iria acompanhá-lo até seus últimos dias, obrigando-o a rigorosa dieta, bem como à renúncia ao cigarro, o inseparável companheiro de todos os dias e de todas as horas.

Seus superiores então o nomeiam Diretor Espiritual dos seminaristas e assim ele retoma a Pirassununga, ali chegando em março de 1956.

Mesmo poupando-se um pouco mais, jamais se abateu, nem deixou de exercer aquele seu apostolado fecundo, especialmente no meio rural.

que ele vendia ou aproveitava para alguma construção.

Ficou famoso um gigantesco jequitibá , derrubado num declive de mato e que demandou uma verdadeira obra de engenharia para cortá-lo e trazê-lo até a carreta do trator (Há mais fotos no Museu sobre esta peripécia).

O FAMOSO JEQUITIBÁ

Cuidava de várias capelas, onde todos o veneravam como pai, conselheiro e pastor dedicado.

Pelo seu testemunho alegre e cativante, foi o grande promotor vocacional que atraía inúmeros jovens para o seminário.

Notáveis eram também suas qualidades de administrador, ele que foi ecônomo nos primeiros anos de Pirassununga, e junto com o Irmão Cornélio dirigiu a construção do prédio da Escola Apostólica.

Para o sustento do seminário, Padre Antônio apelava para os amigos e benfeitores.

Interessante que, além de víveres, ele pedia também madeira. Isso mesmo, madeira.

Só que ele pedia a árvore no mato: ia até lá com o proprietário e escolhia. Vivo, ele separava a tora da melhor qualidade que, depois, com a colaboração de um amigo marceneiro, se transformava em madeiramento

Conhecedor emérito de madeira, sua fama se espalhava por toda a zona rural de Pirassununga.

Como dissemos acima, seu dinamismo atiçava aquele corpo miúdo e elétrico que, mesmo sentado, era pródigo no movimento das mãos e dos braços.

Época em que o automóvel era pouco acessível, como ele gostava de caminhar, indo visitar amigos, conversar e "negociar" por todos os cantos da cidade!

Bem apropriada, pois, foi a homenagem que a Câmara Municipal lhe outorgou, emprestando seu nome à avenida mais importante da cidade:

AVENIDA PADRE ANTONIO VAN ES!

Dia 15 de dezembro de 1962, num domingo, dia de ressurreição, na juventude de seus 64 anos, Padre Antônio entregava sua bela alma a Deus, a quem ele sempre serviu com todo o zelo, generosidade e grandeza de coração.

Padre Humberto Capobianco, MSC, , Mestre de Noviços, Pirassununga

PADRE LEOPOLDO QUANDO SUPERIOR DO SEMINÁRIO MAIOR DE VILA FORMOSA

PADRE LEOPOLDO

UM HOMEM DEBEM COM A VIDA

Falar do Padre Leopoldo e cultivar sua memória , proclamar a certeza de quanto , rica e fecunda a existência daquele que faz de Deus o único absoluto de sua vida.

Sua pessoa sempre nos marcou profundamente a todos pela coerência, pela simplicidade, pela transparência.

Era um homem Leal, retilíneo, sem dobras. Cultivava apaixonadamente a verdade e jamais deixou de emitir opinião, de expressar seu ponto de vista, mesmo discordante, sem a preocupação de agradar.

E com que ardor, com que lucidez e argúcia ele participava dos debates mais calorosos, sem nunca faltar com o respeito aos seus interlocutores.

Embora, às vezes irônico, mas sem ferir, após o calor da controvérsia, lá estava ele, alegre e feliz, sem ressentimentos nem mágoas.

Outra de suas características: Padre Leopoldo foi um homem pobre. Vida simples e despojada, não deixou nada a não ser objetos do mais estrito uso pessoal.

Outra marca sua: sempre ocupado, sempre atarefado, ele não perdia tempo. Para ele eram sagradas as horas e os minutos, era sagrado todo o tempo, matéria-prima de eternidade.

Padre Leopoldo van Liempt nasceu a 19 de agosto de 1910, em s/Hertogenbosch, Holanda.

Ingressou na Escola Apostólica, em Driehuis, no ano de 1924, iniciando o Noviciado em 1929, emitindo em setembro do ano seguinte os primeiros votos religiosos. A 10 de agosto de 1935, recebia a ordem do presbiterato.

PADRE LEOPOLDO COMO TEÓLOGO

Tendo sido nomeado para o Brasil, aqui chegou a 13 de outubro de 1936, indo trabalhar em Machado, Sul de Minas.

A vinte de dezembro daquele ano, pronunciava seu primeiro sermão...

Menos de um ano depois, vamos encontrá-lo em Delfim Moreira, MG, onde, passados dois anos, foi nomeado Diretor do Escolasticado, que naquele tempo funcionava em Itapetininga, SP.

Ali foi também professor de diversas matérias, exercendo o ministério pastoral nas vizinhas cidades de Sarapui e Guarei.

Em 1945, a Filosofia e a Teologia são transferidas para Vila Formosa, São Paulo, e o Padre Leopoldo, além de diretor dos seminaristas,, indicado superior do Escolasticado, cargos que ir exercer até janeiro de 1953.

Transferido para Bauru, é nomeado Superior, torna-se professor e assistente eclesiástico da Faculdade, e nessa quadra de sua vida nasce a paixão pelo escotismo, que o levará a fazer cursos especializados, entre os quais uma viagem a Londres, em 1954, por ocasião de suas férias na Holanda.

Em 1959, Padre Leopoldo , nomeado Superior e Diretor do Instituto Padre Nicolau, em Itajubá, MG, onde fica durante três anos.

Em seguida, como professor no Escolasticado, retorna a São Paulo após dez anos de ausência, agora dividindo seu tempo entre aulas para os nossos seminaristas, aulas no "Sedes Sapientiae", na Faculdade de Filosofia, em Bauru, três dias por semana, colaboração nos Anais e atuação no movimento escoteiro.

Sua produção intelectual , deveras fecunda: além de aulas em várias faculdades, Padre Leopoldo publica brochuras, ensaios e inúmeros artigos em revistas especializadas no campo da Filosofia, da Pedagogia e da Música.

Em 1967, o Conselho Provincial toma uma medida avançada para a época: nossos seminaristas menores, terminado o II grau, iniciariam uma nova experiência, isto é, antes do Noviciado eles iriam cursar Filosofia e esse curso não mais seria ministrado "intra muros", mas numa Faculdade.

Foi escolhida a Faculdade Católica de Campinas e os seminaristas iriam residir em Valinhos, numa casa pequena e simples.

Para operar e dirigir essa mudança assim tão delicada, foi escolhido o Padre Leopoldo.

Nessa época, convidado para lecionar Pedagogia na Pucamp, em meio a tantos afazeres ainda acha tempo para fundar e dirigir, a partir de 1971, aquela que seria a outra paixão de sua vida: a Escola para Excepcionais, em Valinhos.

Nesta cidade ele viveu 17 anos, até o dia 9 de fevereiro de 1985, às 14 horas, quando adormeceu no Senhor.

O povo de Valinhos, profundamente grato, exigiu que o Padre Leopoldo descansasse naquele chão que ele tanto amou.

O velório na matriz, a eucaristia de "Requiem" e o enterro foram momentos de grande comoção e de intensa participação popular.

Deveras tocante a reação mais variada de cada um daqueles menores carentes, deficientes mentais, ao se deparar com o pai querido, agora inerte na urna funerária.

Não mais teriam a companhia do amigo carinhoso, do mestre solícito que os entendia como ninguém e conseguia penetrar seu mundo fechado e misterioso, não mais o riso contagiante, as brincadeiras, os folguedos lá em sua escola risonha, no parque verde e alegre plantado no topo da colina...

Não mais!

Padre Leopoldo morreu.

Sua morte veio roubar-nos o sacerdote-pastor, o religioso que levou sua consagração às últimas conseqüências, o amigo cativante, aquele que partilhava generosamente com todos os Irmãos os inúmeros talentos que Deus lhe deu.

Um homem de tantas virtudes só poderia ter sido um homem de oração e ele o foi.

Era essa profunda união ao Pai, em Jesus Cristo, a mola- mestra de toda a sua vida.

A eucaristia era o centro de seu ministério.

Prova disso, simples mas eloqüente, foi seu testemunho, um dia, em reunião da Comissão de Espiritualidade, quando se fazia uma seleção de textos para o novo Manual de Orações, Padre Leopoldo insistiu para que não esquecêssemos o "Adoro Te" e sua tradução em vernáculo, hino eucarístico cuja última estrofe ele citou de cór, cantando os primeiros versos:

Jesus que nesta vida pela fé eu vejo,
Realiza, eu te suplico,
esse meu desejo:
Ver-te enfim, face a face,
meu divino amigo,
Lá no céu eternamente ser feliz contigo!

Este saudoso irmão, que durante a vida procurou ver a Deus pela fé, certamente agora no céu, contempla esse mesmo Deus a quem ele tão bem serviu através da entrega aos seus irmãos mais pequeninos.

Pe. Humberto Capobianco, MSC, mestre dos noviços

PADRE AFONSO MARIA RÜBSAMEN

No dia 05/06, às 13:3Ohs, em nosso convento de Tilburg, Holanda, falecia o nosso estimado Pe. Afonso, com a venerável idade de 93 anos, após longa enfermidade.

Pe. Afonso nasceu em Amsterdã, no dia 29/11/ 1904. Com 19 anos, após ter feito seus primeiros estudos, na Escola Paroquial de sua cidade natal, era postulante a Irmão Leigo, em nosso convento de Tilburg.

Aos 20 anos fez a sua primeira profissão religiosa. Depois de sua profissão perpétua, trabalhou no escritório de Tilburg ajudando o procurador das Missões.

Em 1928, foi transferido para Sittard, onde cuidou da sacristia da Igreja Paroquial durante dez anos.

No dia 1/10/1938, deixando tudo o que ficava para trás, parte como missionário para o Brasil.

Depois de 19 dias de viagem, chega ao Porto de Santos e recebe a sua primeira nomeação: sacristão e zelador da casa paroquial de Avaí.

Mas Deus lhe reservava uma missão da qual se desempenharia por mais de 32 anos: o Santuário de Nossa Senhora do Sagrado Coração de Vila Formosa.

Foi aí que, o então Ir. Afonso, companheiro inseparável do Pe. Francisco Janssen, dedicou praticamente toda sua vida e deu o melhor de si para que a Virgem fosse conhecida, sob o título de Nossa Senhora do Sagrado Coração.

De 1944 até 1951, foi sacristão e ajudava no escritório do Santuário. Em 1951 ficou encarregado da ornamentação, interna e externa da casa de Maria.

Foi durante esse trabalho que ele foi conquistando as grandes amizades que, até o final de seus dias, conservou em seu coração, através de cartas e cartões.

Os homens e as mulheres de hoje, crianças de ontem, jamais esquecerão a figura do Irmão vestido de preto, correndo por todos os cantos do Santuário.

A sua bondade e acolhimento atraíam meninos e meninas. Um grande número de coroinhas estava sob seus cuidados pastorais e uma falange de meninas que se vestiam com roupas especiais nos dias de festa.

Pensando nas vocações, fundou grupos vocacionais e muitas vocações surgiram.

Vários foram para o Seminário de Itajubá , mas, desativado em 1972, os candidatos voltaram para suas casas.

Não sendo acompanhados a contento, nenhum deles voltou para o colegial, em Pirassununga, para grande tristeza do Irmão Afonso.

Em 1971, Vila Formosa conheceu o maior movimento de juventude de sua história.

A JOVIO (Jovens de Ideal Cristão) conheceu dias de glória: mais de 200 jovens refletiam temas da atualidade todos os domingos.

O Santuário se tornava pequeno para tantos jovens; o trabalho da juventude junto ao Dispensário São Francisco de Assis, no atendimento aos pobres, era a grande atividade da juventude local; grandes campanhas missionárias em favor da Indonésia e da Papua Nova Guiné elevavam o ideal dos jovens...

Por trás de todo este cenário, lá estava o Ir. Afonso trabalhando sem alarde: tudo para a glória de Deus!

Percorrendo esses caminhos, Deus provocou em seu coração o desejo do sacerdócio. Seria possível ainda concretizar este sonho?

O peso dos 67 anos já se fazia sentir. Estudar teologia? Várias perguntas envolviam o coração do Religioso sem pretensões grandiosas.

Quando expressou a vontade de Deus para seus confrades, ouviu: "Por que não"?

Depois de uma vida toda dedicada ao povo, por que não coroá-la recebendo a ordenação sacerdotal?

E foi, no dia 4/07/1971, que o Ir. Afonso se tornava diácono da Igreja pelas mãos de Dom Pedro Paulo Koop, msc.

No dia 11/03/1972, o Santuário estava repleto e um grande número de confrades se fazia presente.

Neste dia, o mesmo Dom Pedro Paulo, conferia ao servo de todos, a Ordem do Presbiterato.

Daí por diante, Pe. Afonso passar alguns anos ainda na Vila Formosa, Itajubá , e finalmente passar seus últimos anos no Brasil, junto do Pe. Francisco Janssen, seu amigo pessoal, em São José do Rio Preto e Campinas.

Juntos chegaram à Vila Formosa para iniciar as obras do Santuário e juntos puderam por longas horas recordar, com alegria e saudade, os tempos de muito sacrifício e de trabalho, noite a dentro.

Com 88 anos, o Pe. Afonso pediu para voltar à sua terra natal e lá terminar seus dias junto dos seus parentes e confrades.

Depois de 54 anos em terras brasileiras, ele dizia com orgulho: "O Brasil é a minha pátria".

Durante os anos que permaneceu na Holanda, viveu como sempre havia vivido: no silêncio de seu quarto, onde passava a maior parte do dia.

Cultivou longas horas de oração, descansando seu corpo que se consumira no serviço aos irmãos. O testemunho dos confrades confirma sua santidade: "Sempre que o encontramos, podemos olhar e contemplar o brilho de seus olhos e o sorriso sempre largo e acolhedor".

Sempre tinha uma palavra de ânimo e conforto quando alguém se encontrava com ele pela casa.

Muitas vezes, andando pelos corredores da casa, podia-se ouvir o balbuciar de um cântico Brasileiro de seus lábios.

Simples, bondoso e acolhedor, revelava os sentimentos de Coração de Jesus, a quem dedicou toda sua existência".

Padre José Roberto Bertasi, MSC, Superior Provincial

Jacobus Maria van Tilburg, msc

Mais conhecido como Pe. Tiago, nasceu Mierlo-Hout, Holanda, no dia 5 de maio de 1930. Sua família constava de 5 homens e três mulheres. Ordenou-se sacerdote aos 24 anos, em Stein, na Holanda.

No dia 30 de maio, festa litúrgica de Nossa Senhora do Sagrado Coração, faleceu, na Ponte Pequena, São Paulo, o Pe. Tiago Van Tilburg.

Safenado há 9 anos, costumava fazer suas caminhadas todos os dias pela manhã, no Clube Regatas Tietê.

Quando chovia, fazia os exercícios fisioterápicos na esteira, localizada numa das salas da Casa Provincial.

No dia 30 de maio, chovia muito. A tarde, por volta das 15 h, ele encaminhou-se para a sala, a fim de exercitar-se. Notamos sua falta durante o restante da tarde.

A noite, após a missa, fomos à sua procura e encontramos seu corpo inerte ao lado da esteira.

Nada mais podíamos fazer, pois estava morto, há algumas horas. Causa mortis: insuficiência coronariana aguda, arritmia cardíaca, arteriosclerose coronariana.

Um sonho realizado

Em setembro de 1960, concretizou seu desejo de partir para as missões. E veio para o Brasil, em 15 de dezembro do mesmo ano.
Aqui foi professor de Latim, Grego, Lógica; foi diretor de colégios, vigário e pároco em várias comunidades, ecônomo e conselheiro provincial.

Foi um homem de grande disponibilidade e de caráter muito afável. Atrás de uma pseudo timidez, escondiam-se a simplicidade, bondade, prontidão.

Nunca disse um não a uma transferência, por mais que esta lhe custasse.

Extremamente organizado, cumpria seus compromissos, com grande fidelidade e dedicação.

Silencioso e de poucas palavras, sem, contudo ser fechado aos confrades e aos amigos.

Discreto, jamais alardeou o seu saber, que era considerável. Quando, num diálogo, parecia estar distante, seus ouvidos estavam abertos e aguçados.

Respeitoso com o interlocutor, ouvia com atenção e gratuidade.

Viveu pobremente, e nunca se aproveitou de sua posição de ecônomo. Nada de ostentação e acúmulo de coisas supérfluas, e jamais se queixou do que quer que fosse.

Seu senso de pertença à Congregação era notável. Estava sempre atento ao que acontecia na Província e na Congregação.

No dia 31 de maio, às 7h, foi celebrada missa de corpo presente, no Santuário das Almas, com a presença dos confrades da casa, seminaristas e amigos.

Após a missa, seu corpo foi transladado para Pirassununga, onde foi velado na Paróquia de Santa Rita.

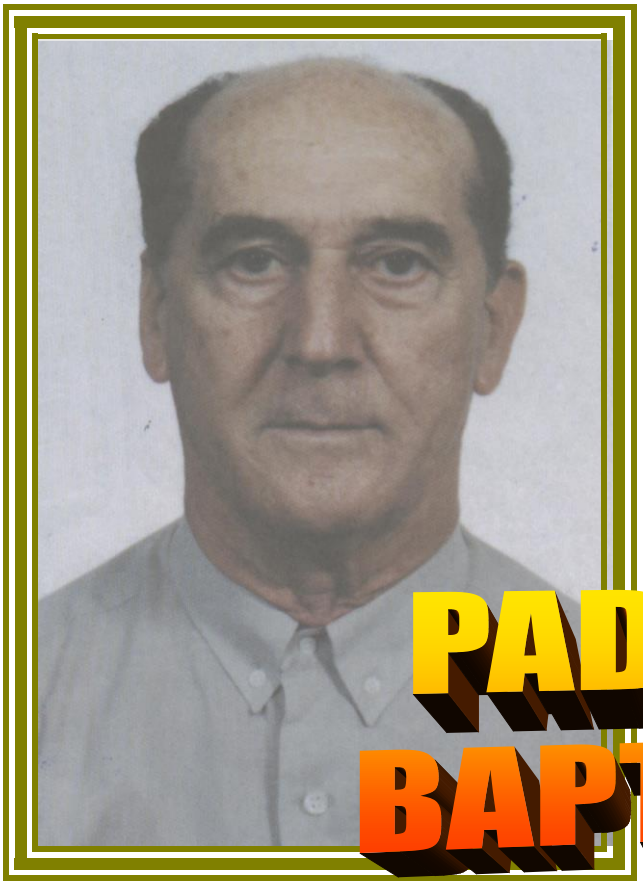
Às 14 h foram celebradas as exéquias com a presença de 23 sacerdotes, religiosos, religiosas, seminaristas e grande afluência de povo, visto que, por dezessete anos trabalhara em Pirassununga.

Após a missa exequial, um grande cortejo o acompanhou até sua última morada, no cemitério da Escola Apostólica.

Agradeçamos a Deus pelos seus sessenta e sete anos, dos quais 37 como missionário no Brasil.

"Servo bom e fiel, entre na alegria do seu Senhor'.

Pe. José Roberto Bertasi, Provincial dos MSC



PADRE LUÍS BAPTISTELLA

A VOLTA A CASA DO PAI

"A morte é um momento feliz porque dedicamos toda uma vida no seguimento do amor a Cristo". (Padre Baptistella, MSC)

LUÍS BAPTISTELLA nasceu na Fazenda Ramalho, município de Pirassununga, no dia 31 de julho de 1927. Filho de Batista Baptistella e Teresa Ozelli Baptistella, católicos praticantes, sentiu, desde menino, vontade de ser padre.

Após a Escola Primária, o Pe. Antônio Van Es, em 1941, encarregou-se de encaminhá-lo para a Escola Apostólica de Pirassununga.

Muitos de nossos confrades e ex-seminaristas são testemunhas dos memoráveis passeios à Fazenda dos Baptistella em companhia do Ir. Francisco.

A FAZENDA BAPTISTELLA E SEU LAGO

CONTRIBUIÇÃO DO GINO CRÊS

No ano de 1947 fez seu Noviciado na cidade de Itapetininga, SP. Emitiu seus primeiros votos no dia 2 de fevereiro de 1948, na Congregação dos Missionários do Sagrado Coração.

De 1948 a 1954 cursou Filosofia e Teologia no Seminário Maior de Vila Formosa, São Paulo.

Padre Baptistella no Seminário Maior de Vila Formosa ao receber o novo Superior

No mês de maio de 1953 foi-lhe conferida a Ordem do Diaconato e no dia 19 de dezembro, no Mosteiro de São Bento, São Paulo, recebeu a sagrada Ordem do Presbiterato.

Logo após sua ordenação, foi nomeado Vigário Paroquial do Santuário das Almas em São Paulo. No ano de 1956, passou alguns meses na Granja Escola Wenceslau Neto, Itajubá , MG.

No mesmo ano, vamos encontrá-lo em Machado como Vigário Paroquial.

Após dois anos, volta para São Paulo e, desta vez, para o Santuário Nossa Senhora do Sagrado Coração.

Sempre pronto, aceitou em 1960 o cargo de professor em nosso seminário menor de Itajubá IPN). Após esse vai e vem, foi enviado para Bauru em 1961 como Vigário Paroquial da Igreja Santa Terezinha.

O Pároco, então, era o Pe. Pedro Paulo Koop, futuro bispo da Diocese de Lins.

Bastante ativo e perseverante, aceitou o desafio de construir e fomentar a vida pastoral da capela São Judas Tadeu e São Dimas, hoje, florescente

Paróquia. Com a nomeação do Pe. Pedro Paulo Koop para bispo da Diocese de Lins, em 1964, o Pe. Luís foi nomeado Pároco da Matriz Santa Terezinha.

A exemplo de seu antecessor, dinamizou as Pastorais e Movimentos com muito zelo e criatividade. Arrojado e empreendedor, construiu o amplo e belo Centro Pastoral ao lado da Matriz.

Acolhedor, aplicado e bastante equilibrado, granjeou a simpatia do clero local.

Por vários anos participou do Conselho de Presbíteros da Diocese e coordenou com eficiência a Campanha da Fraternidade em nível diocesano. Sem renunciar sua condição de MSC, conseguiu ser uma ponte entre o bispo e o clero diocesano.

No "Rancho", às margens do Tietê, liderava discretamente, vez por outra, um encontro descontraído do Pastor com seus colaboradores.

Após 16 anos de dedicação pastoral em Santa Terezinha, aceitou, em 1980, a pedido de seus superiores, o cargo de Pároco em Pirajui, SP.

Em 1985, volta novamente para Bauru e assume, como Pároco, a Comunidade Nossa Senhora Aparecida.

Ali, exerceu o ministério de Superior Local durante 12 anos e conselheiro provincial por três anos.

Durante sua permanência nessa Comunidade, soube dinamizar a vida espiritual, litúrgica e pastoral com muita eficiência.

Foi o pioneiro, na Diocese, em animar a vida ministerial leiga na Paróquia. Com a aprovação do bispo, introduziu os ministérios leigos do Batismo e do Matrimônio.

Dividiu a Paróquia em pequenos setores, a fim de revitalizar a evangelização e incentivar a vivência fraterna.

Dotado de forte liderança, conduziu com firmeza e, ao mesmo tempo, com doçura de Pai e Pastor seu rebanho. Em 1998, solicita ao Conselho Provincial um substituto. No entanto, permaneceu na Paróquia como vigário paroquial.

De piedade sólida, e de profundo espírito de fé, o homem de saúde de ferro, soube encarar as provações com serenidade invejável.

Em abril de 1998, ao tomar conhecimento de um tumor maligno num dos pulmões, escreveu ao Provincial:

> *"Minha saúde sempre foi boa, porque não aceitar também a doença com serenidade?... Entrego- me confiante nas mãos do Pai e ofereço os sofrimentos em união com o Sagrado Coração de Jesus e com Nossa Senhora do Sagrado Coração, a quem sempre devotei um afeto filial. Que tudo seja para o bem da Congregação e de nossa Igreja ".*

Como MSC, sempre ser lembrado pelo seu senso de pertença em todas as suas dimensões.

Entre seus poucos escritos, um deles me chamou atenção. Escrito no verso de uma oração a Nossa Senhora Aparecida se pode ler: "Amor e perdão equilibram a vida de qualquer pessoa. Não existe limite para amar, como não existe limite para perdoar.

O perdão não se mede, não tem número. Perdoa-se até o extremo. Caso tenha dificuldade de perdoar alguém, comece a perdoar a si mesmo. Então, muito mudar em sua vida".

No dia 23 de agosto, às 23h10, vítima de edema agudo pulmonar e insuficiência cardíaca, voltou para a Casa do Pai.

Caro Pe. Luís, peça a Deus por nós. Obrigado pela sua vida e pelo seu ser MSC.

Última homilia do Pe. Luís Baptistella

Caro confrade Provincial,

Obrigado pelas orações e apoio. Já vivi mais de 70 anos e Deus sempre foi muito bom e misericordioso para comigo. Nada tenho a reclamar. Minha saúde sempre foi boa, porque não aceitar também a doença com serenidade? Estou encarando a vida com muita fé e, vejo esta hora como um momento a mais da graça do amor de Deus. Tudo na vida é passo para a eternidade desde criança até a velhice. Até a velhice é boa, porque ela nos aproxima da vida que buscamos sob as nuvens da fé.

Nessa longa caminhada, procurei divulgar o amor de Deus, na pessoa de Cristo. Não é lá muita coisa que fiz. É pouco, mas a força de Jesus me basta. Ele agiu e age na minha fraqueza.

É uma experiência e sensação única e gostosa. A misericórdia e o perdão do Coração de Jesus são sensíveis e palpáveis. Ninguém merece, muito menos eu. Contudo, seu lado aberto acolhe quem nele deposita a sua confiança e se sente justificado por Ele, como diz o Salmo 36: "Deixa aos cuidados do Senhor o teu destino, confia nele e com certeza ele agirá". As limitações humanas são muitas e os pecados numerosos. Nem por isso deixo-me abalar. 50 anos de vida MSC. Tudo que fiz de bom é graça divina. Tudo que fiz de errado é fruto do meu egoísmo. A bondade divina, entretanto, foi superior e veio em meu auxílio. Só tenho razões para agradecer ao Coração ferido de Jesus e aos irmãos e irmãs que me acolheram na vida e, por que não, os que não me acolheram? Não hesito em afirmar: o amor de Deus faz novas todas as coisas. Diante desta doença percebo que os outros estão mais preocupados que eu mesmo. Entrego-me confiante nas mãos do Pai e ofereço os sofrimentos em união com o Sagrado Coração e com Nossa Senhora do Sagrado Coração, a quem sempre devotei um afeto filial. Que tudo seja para o bem da Congregação e de nossa Igreja.

Caminhamos, assim, rumo ao Jubileu da Encarnação, quer neste mundo, quer na glória eterna.

Com alegria meus abraços fraternos e uma santa Páscoa.

Em Cristo,
Pe. Luís Batistella, MSC

PS. Essa carta foi endereçada ao Provincial, quando o Pe. Luís tomou conhecimento de um tumor maligno num de seus pulmões. Piedade sólida, poderemos considerar esta carta seu Testamento Espiritual.

OS IRMÃOS HUBERTO E GRACIANO

PADRE GRACIANO
a trajetória de um justo

PADRE GRACIANO nasceu no último ano do século XIX, a 10 de março de 1899, na cidade de Amstelveen, Holanda.

Ingressou no seminário de Tilburg, dali passando para Oosterhout, Arnhem e Stein, onde fez respectivamente, o Noviciado, a Filosofia e a Teologia.

Ordena-se sacerdote em 15 de agosto de 1923 e nos quatro anos seguintes vamos encontrá-lo na Escola Apostólica de Tilburg, lecionando Física e Matemática.

Em 1928, nomeado para Driehuis a fim de ensinar as mesmas matérias, sua especialidade.

Em 1930, Padre Graciano embarca para o Brasil, onde chega a 7 de setembro, sendo nomeado coadjutor em Campinas.

Dois anos depois vai para Birigüi e daí para Avaí, onde se torna vigário da paróquia.

Mas sua fama de bom professor tinha chegado até o Brasil e assim, em 1935, é transferido para a Escola Apostólica de Pirassununga, a fim de ensinar Física e Matemática!

Professor festejado e talentoso, ainda arrumava tempo para ensaiar a banda de música do seminário.

Bons tempos aqueles em que, animando as procissões pelas ruas da Raia, os nossos músicos, lendo as partituras à luz mortiça dos postes, executavam em vagarosa cadência a melodia do "Queremos Deus" e do "Levantai-vos, Soldados de Cristo"!

Mas nosso maestro vibrava mesmo era quando seus pupilos, na velha sapataria, em fúria incontida, atacavam os acordes imortais da marcha "Janina"...

A BANDA DO PADRE GRACIANO AUXILIADO PELOS PADRES ALBERTO E HENRIQUE

Em 1940, Padre Graciano, transferido para Bauru, primeiro como coadjutor, depois como superior da comunidade.

Em 1947, após suas primeiras férias na Holanda, ele se toma coadjutor - itinerante, passando por Itajubá e Itapetininga.

Em 1949, passa rapidamente pelo Colégio do Patrocínio, em Itu, como capelão das Irmãs de São José, daí se transferindo para o Colégio Santana, da mesma Congregação, em São Paulo.

Em 1956, volta a Itu, indo se juntar ao seu irmão de sangue, Padre Huberto, já bastante idoso.

Ali, além da capelania, Padre Graciano leciona na Faculdade de Filosofia. Em 1960, por ocasião do jubileu sacerdotal de ouro de seu irmão, Padre Huberto, ambos têm a felicidade de receber a visita de outro irmão sacerdote, vindo da Holanda, o Padre Marino van't Westeinde.
Depois de 15 anos em Itu, Padre Graciano vai residir em Taboão da Serra, para exercer o mesmo múnus de capelão de religiosas da mesma Congregação.

Homem de Deus, ele sempre nos ministrava lições de jovialidade e amor à vida, ao seu sacerdócio e à sua consagração.

Difícil dizer qual a virtude marcante desse homem de tantas virtudes! Contudo, entre elas sobressaía seu espírito de pertença ao grupo, espírito comunitário de um homem que viveu tantos anos só...

Mas como ele se sentia feliz ao rever seus irmãos de hábito, o que ele fazia semanalmente, indo a Ponte Pequena, mesmo nos últimos anos, quando o peso da idade já se deixava notar.

Ele queria se encontrar com eles, queria partilhar. Tomava refeição conosco, rezava conosco.

Batina preta, cordão e colarinho, como o hábito ficava bonito naquela figura veneranda!

Era a simplicidade autêntica de quem se sentia bem assim e não pretendia provar nada a ninguém.

E exatamente esse despojamento era uma pregação eloqüente. Padre Graciano tinha o Dom da sabedoria e vivia intensamente a pobreza de coração.

Não sucumbiu à tentação da terceira idade, que costuma fechar as pessoas num rigorismo esterilizante, feito de saudosismo, de pessimismo e amargor.

Não, nosso confrade era a expressão da serenidade de quem se apoia unicamente em Deus e que por isso mesmo estava sempre aberto e receptivo, evitando absolutizar normas, estruturas, valores e pessoas.

Eis aí o segredo de sua perene jovialidade. Durante trinta e cinco anos de sua vida, foi capelão de religiosas, esse ministério escondido e fecundo, próprio das almas simples, humildes e voltadas ao silêncio e à contemplação.

E a gratidão da Irmãs de São José mais uma vez se fez presente nos últimos dias do Padre Graciano. Com que carinho e desvelo elas o acolheram e dele cuidaram até o fim!

Em 1983, tivemos a alegria de celebrar seus 60 anos de padre e 65 de consagração religiosa. Foi uma festa bonita e para a missa solene ele fez apenas a recomendação de sempre: que ao final da cerimônia se cantasse o "LEMBRAI-VOS". Em março de 84, no Seminário de Vila Formosa, todos os confrades de São Paulo lá se reuniram para festejar aquele que seria o último aniversário que o Padre Graciano passou entre nós...

Veio a Semana Santa, a Páscoa e naquela semana nosso confrade caiu doente, iniciando dolorosa via-sacra de 45 dias, tempo de sofrimento fecundo e muito merecimento.

Quatro dias antes de morrer, confiante e lúcido, recebeu a unção dos enfermos. Naquela noite, junto com outro confrade, após as orações, cantamos baixinho para ele o "Lembrai-Vos"...

Apesar das dores e da respiração ofegante, seus olhos se iluminaram e era patente a sua satisfação. Como ele gostava de ouvir aquele canto de louvor a Maria, Nossa Senhora do Sagrado Coração!

Padre Graciano morreu e hoje habita a eternidade que é o próprio ser de Deus.

E eu fico imaginando como deve ter sido bonita a sua entrada no céu...

Em meio a uma fulguração lindíssima como aquela do Tabor, um coro de anjos circundando a Virgem e cantando... adivinhem que música?

O "Lembrai-Vos"!

E o céu, numa grande festa, parou para escutar:

"O Lembrai-Vos, vós Virgem Mãe de bonança,
Do poder que o Filho vos deu.
Ó Lembrai-Vos de vossa inefável confiança
No Sagrado Coração!"

Pe. Humberto Capobianco, MSC, mestre dos noviços, em Pirassununga

JUBILEU DE PRATA DO PADRE MARINO POVER EM 1930 - AVAÍ

PADRE MARINO POVER

UM JOVEM AOS 90 ANOS

Ao manusear os escritos das Memórias das Origens dos Missionários do Sagrado Coração, no Brasil, de autoria do Padre Adriano Van Iersel, lá pelas tantas, lemos:

> *"...no fim da primeira semana, julgando que tudo corria muito bem, apresentei ao Bispo um projeto de contrato, redigido em francês. A Congregação tomaria conta do ginásio, teria dele a plena administração,*

correndo tudo, entretanto, por conta do bispado que lhe pagaria ordenado fixo(...) Ficaríamos em Pouso Alegre.

No dia seguinte, por intermédio de Mons. Maximiliano da Silva Leite, professor do Seminário Maior, em São Paulo, irmão de Dom Mamede, mandei um telegrama a Tilburgo: "Envoyez 4 Pères et 3 Frères".

O telegrama foi recebido e, antes do fim do ano, já em novembro, os 4 Padres e os 3 Irmaos estavam em Pouso Alegre".

Mais adiante, ao nomear os recém-chegados, nosso escriba faz uma alusão ao Padre Marino Pover:

"...padre novo, do Escolasticado, suspeito, aliás, injustamente, penso eu, de Modernismo".

Naquele tempo essa palavra era um estigma.

Estávamos ainda em 1911, e o jovem padre, 26 anos, já era precedido da fama de "rebelde", uma santa rebeldia, feita de liberdade, autenticidade e da inteligência que Deus lhe deu.

Não sei se o leitor sabe, mas Modernismo, no início do século XX, era uma corrente teológica segundo a qual o ato de fé seria algo puramente subjetivo. A verdadeira revelação corresponderia ás necessidades subjetivas de cada um, e não à palavra revelada.

Note-se que esta corrente foi condenada pelo Papa Pio X, em 1907, na Encíclica "Pascendi". Mas o Modernismo não representava apenas um perigo para a fé; ele trouxe vários questionamentos que levaram muitos teólogos a aprofundar suas reflexões, haja vista a questão da evolução do dogma.

Mas o que tudo isto tem a ver com o Padre Marino?

Simplesmente, vem mostrar que ele também era dessas pessoas inteligentes, questionadoras, que não se acomodam, mas estão sempre buscando novos horizontes.

Padre Marino era um sacerdote estudioso e atualizado. Foi colaborador de algumas de nossas tradicionais revistas de cultura católica, como a revista VOZES, e a ORDEM, dirigida por Alceu de Amoroso Lima, o grande Tristão de Atayde.

Outra marca de nosso confrade era sua presença de espírito e a alegria jovial. Dia 28 de junho, data de seu aniversário, quase todos os anos um grupo de confrades se reunia, em Poços de Caldas, para festejar.

Ele ficava feliz e nos acolhia a todos.

Tinha sempre um causo ou uma anedota para contar.

Claro que algumas eram repetidíssimas, mas a gente ouvia como se fosse a primeira vez.

Lembro-me daquela, um pouco irreverente, que falava da visita do Papa Paulo VI à Terra Santa, em 1970.

Logo após visitar o Santo Sepulcro, cercado de prelados, rabinos e autoridades de Israel, eis que, de repente, um homem consegue furar o cordão de segurança e chega até o Papa.

O indivíduo, já velho, turbante na cabeça, barba por fazer, vai logo apostrofando o pontífice, perguntando-lhe à queima-roupa.

- **O senhor que é o Papa?**
- **Sim**, responde Paulo VI, contendo o espanto.
- **O senhor que , o representante de Jesus Cristo?**
- **Sim**, diz o Papa**, sou eu mesmo**.
- **Então**, o intruso, tirando de dentro da túnica encardida, um pedaço de papel todo amarfanhado e desbotado pelo tempo, diz ao pontífice:
Pois eu vim aqui receber. Este papel aqui é a conta das compras da última ceia que não me pagaram até hoje!

Padre Marino nasceu em Ierseke, na Holanda, dia 28 de junho de 1885.

Teve toda a formação inicial em nossos seminários, ordenando-se presbítero a 14 de agosto de 1910, em Louvânia, Bélgica.

Veio para o Brasil, em 1911, fazendo parte da segunda turma de MSC que vieram trabalhar aqui.

Exerceu os mais variados ministérios, especialmente a capelania de religiosos e religiosas.

Os últimos anos passou em Poços de Caldas (MG), aonde chegou em 1958.

Foi capelão no Colégio São Domingos, no Colégio Jesus, Maria e José, exercendo a mesma função junto ao Asilo São Vicente de Paulo, dirigido pelas Irmãs de Jesus Crucificado.

Aquela figura veneranda, porte altivo, olhos de azul profundo, da altura dos seus noventa e tantos anos, era o homem sábio que todos procuravam em busca do conselho amigo, da orientação segura.

Além do serviço da capelania do Asilo, Padre Marino exercia fecundo apostolado paroquial atendendo doentes, confessando, celebrando.

E foi numa dessas celebrações, véspera do Natal de 1979, que ele sofreu o acidente que o levaria à morte.

Enroscando-se no fio do microfone, perdeu o equilíbrio, o corpo pesado caiu ao solo, constatando-se grave fratura no colo do fêmur.

Foi operado na Santa Casa de Poços de Caldas.

A cirurgia bem feita, a par da afeição dos amigos e dos confrades, parecia prever uma recuperação rápida e eficaz.

Contudo, advieram outras complicações e o nosso enfermo foi transferido para o Hospital São José, do Brás, em São Paulo.

Apesar das dores e dos incômodos da enfermidade, Padre Marino nunca perdeu a jovialidade e o bom humor.

Assim, dia 2 de abril, beirando os 94 anos de idade, quase 70 anos de Brasil, morria o nosso estimado deão, aquele a quem o Cora‡ao de Cristo cumulou de seus mais preciosos dons.

Padre Humberto Capobianco, MSC, vigário paroquial e Diretor do Colégio Kennedy, em Pirassununga

PADRE EMILIANO TARDIFF

UM HOMEM DE ORAÇÃO

Faleceu há pouco tempo, em Buenos Aires, Argentina, o PADRE EMILIANO TARDIFF, MSC, um dos grandes apóstolos da Renovação Carismática Católica.

O Senhor o chamou, precisamente por ocasião de um encontro de oração que ele ministrava a 300 sacerdotes.

Canadense de origem, foi enviado como missionário, à República Dominicana.

Trabalhador infatigável, estressado física e psicologicamente, foi acometido de grave doença pulmonar, retornando ao Canadá, a fim de cuidar da saúde.

Desenganado pelos médicos, preparando-se para morrer, foi visitado por um grupo da Renovação Carismática Católica que se ofereceu para rezar por ele.

Meio constrangido, porque nunca sentira nenhum entusiasmo por aquele estilo de espiritualidade, o padre permitiu que eles entrassem, desde que fechassem a porta...

As pessoas oraram por ele, impondo-lhe as mãos e pedindo que a força do Espírito o curasse plenamente. Isto aconteceu à tarde.

Durante a noite, Padre Tardiff sentiu os pulmões ardendo em fogo.

De manhã, quando os médicos foram examiná-lo, ficaram pasmados diante do novo quadro clínico que encontraram: nenhum deles sabia explicar a cura repentina e total daquele enfermo!

Começa aí sua "conversão a Renovação Carismática.

Seus superiores lhe concedem um Ano Sabático, ocasião que ele aproveita para se aprofundar na teologia daquele movimento.

Voltando a Santo Domingo, é convidado para dar testemunho de sua cura e aos poucos vai se ligando aos líderes da Renovação.

Sua pregação vai extrapolando a República Dominicana, ganhando outros países, visita os cinco continentes e, nos últimos anos, sua agenda se torna pequena para atender pedidos que chegam do mundo inteiro.

Sem dúvida, **Padre Emiliano Tardiff, Missionário do Sagrado Coração**, era o mais renomado teólogo e apóstolo da Renovação Carismática Católica.

Em homenagem a ele, Anais republica trechos de uma interessante entrevista que, anos atrás, ele concedeu a "Amigo Del Hogar", uma revista dos MSC da República Dominicana.

> **Amigo del Hogar** - O que é Renovação Carismática?
>
> **Tardiff** - *A Renovação Carismática é a ação do Espírito Santo, pela qual se renovam a consagração e o compromisso de todas as formas de presença e de serviço no seio da Igreja. E uma parte da Renovação cristã no Espírito Santo.*
>
> *Assim como a Igreja, especialmente depois do Concílio, tem enfatizado a renovação bíblica (renovação da Palavra) e a renovação litúrgica, (renovação dos Sacramentos), assim também vivemos agora a renovação carismática que , a renovação da oração e do apostolado.*

Renovação Carismática trata mais da experiência da vida no Espírito. Não se trata de uma análise da Bíblia, mas de uma tomada de consciência das promessas de Cristo. Não se trata de um Deus que se oculta e se cala, mas de um Deus cujo poder está se manifestando em sinais e prodígios de toda a ordem, como tem acontecido no curso de toda a história da salvação.

Paulo VI dizia que a Igreja necessita de um Pentecostes permanente. Quer dizer, necessita de uma efusão do Espírito que seja não apenas um movimento passageiro que afete a vida da Igreja durante alguns anos, mas uma ação permanente através da qual o Espírito está atuando na Igreja até o fim dos séculos.

Em pleno século XX, caracterizado pela técnica, pela dúvida e pelo desespero, Deus vem falar … sua Igreja que busca com muita dificuldade, os caminhos da oração, da pregação, do compromisso e da unidade.

Primeiro, esse Deus nos recorda que Ele existe. Ora, se Ele existe, Ele pode dar a esse século da ciência o poder sobrenatural da cura. Ao século da psicanálise, o discernimento dos espíritos, e ao nosso século em que proliferam escolas de línguas maravilhosamente equipadas, Deus vem nos dar o dom das línguas.

Amigo del Hogar - Hoje em dia que tipo de trabalho ou compromisso se vive nos grupos da renovação?

Tardiff - *No Congresso carismático latino-americano, em Lima, Peru, em maio de 79, o Cardeal Landazuri afirmava: "A Renovação Carismática não é um movimento na Igreja, mas é a Igreja em Movimento".*

Se quisermos compreender o verdadeiro sentido da renovação carismática, devemos refletir sobre a renovação litúrgica e sobre a renovação bíblica. A renovação bíblica envolveu toda a vida da Igreja.

Não foi apenas para um grupinho apostólico. Ela marcou todas as formas de compromisso cristão, tanto na vida sacerdotal como na vida religiosa, tanto na vida matrimonial como na vida do celibato cristão e nos traz uma

seiva nova a partir da proclamação da Palavra de Deus a todas as classes da sociedade.

Amigo dei Hogar - Existe a possibilidade de os grupos de oração se estruturarem em nossos ambientes, algo assim como as comunidades Eclesiais de base, que têm critérios e objetivos definidos?

Tardiff - *Na realidade, os grupos de oração procuram dar vida às comunidades de base.*

Nesses dez anos que separam Medellin e Puebla, vimos de modo eloqüente que os melhores cristãos, ao cuidar de libertar o mundo, caem na mesma violência que os outros se não tiverem uma força especial do Espírito Santo.

Só os cristãos verdadeiramente convertidos, ao término da evangelização, poderão defender os direitos humanos sem cair na violência.

Por isso afirmamos que a renovação dos homens e da sociedade depender , em primeiro lugar da ação do Espirito Santo.

As leis e estruturas deverão ser animadas pelo Espírito que vivifica os homens e faz com que o Evangelho se encarne na história.

Por essa razão, uma igreja s¢ , carismática na medida em que , capaz de perder sua vida, se preciso for, para que viva o Espírito, na medida em que aceita morrer todos os dias para abrir-se a nova criação de uma humanidade renascida em Jesus Cristo to morto e ressuscitado.

Na realidade, , de se desejar que todos os grupos de oração carismática, como tais, desapareçam porque então a Igreja inteira se deixar mover na linha do Espírito.

O fogo da renovação carismática, insuspeita e real, um dia abarcará a Igreja toda.

Assim como hoje não se fala mais de renovação litúrgica, mas de uma liturgia renovada na Igreja, assim também veremos uma Igreja renovada em seus carismas.

Se trabalharmos como convém, cada um voltará à sua própria associação, para revitalizá-la, e com o tempo não precisarão mais freqüentar

assembléia de oração carismática nem missa carismática para buscar mais vida, pois todas as assembléias da Igreja serão carismáticas.

Amigo dei Hogar - Poderia nos falar de algumas manifestações do Espírito que você presenciou nesses anos de ministério carismático?

Tardiff - *Vou contar alguns casos de curas interiores e curas corporais, como a minha, por exemplo*.

Falarei também da libertação de influências do maligno que são uma realidade em nosso ministério.

Em 1981, tive a felicidade de pregar em 21 países diversos, através de quatro continentes do mundo e vi o poder de Deus manifestar-se em todas as partes.

Com a renovação dos carismas, estamos entrando num período de evangelização de um poder extraordinário, se é que acreditamos na palavra do Senhor quando diz:

"Vocês também farão as coisas que eu faço, e farão coisas maiores ainda, porque eu vou para o Pai. E tudo o que vocês pedirem em meu nome, eu lhes darei..." (João, 14, 12).

Eu vi a cura de dez leprosos no leprosário de Sagmelima, no Camerum; eu vi a cura de um mudo no México há pouco tempo; um coxo ficou curado no encontro carismático nacional de São Domingos.

Também um canceroso, a quem os médicos tinham resolvido amputar a perna direita, ficou totalmente curado durante a celebração de uma santa missa em Marselha, na França.

O Senhor está renovando o hoje os sinais que o identificam como Messias Salvador, e vemos que não precisamos de um novo Evangelho, mas sim de uma nova evangelização. Contudo, para falar disso eu precisaria de uma outra entrevista.

Para concluir, direi que a renovação carismática é a Igreja em movimento. E a Igreja em movimento é língua e profecia, libertação e cura, discernimento e sabedoria.

De maneira particular, o novo sopro do Espírito na Igreja , o amor pastoral que como fogo está comunicando e se manifestando de preferência aos pobres.

Muitos católicos estão sentindo pela primeira vez em sua vida o calor do amor fraterno que faz da Igreja de Cristo "comunhão e participação".

As celebrações eucarísticas se fazem com mais dignidade, são muito festivas e alegres como Paulo VI sempre desejou que fossem.

O grande sacramento da reconciliação está recuperando sua força como encontro pessoal com o bom Pastor que perdoa e liberta do mal, curando e enchendo de alegria.

Padre Humberto Capobianco, MSC

PADRE JOÃO BOING

UM HOMEM BOM

"Nós cremos no mistério do amor de Deus oferecido ao mundo e tão freqüentemente rejeitado pelo pecado dos homens. Pela oblação de nossa vida, nós participamos do sofrimento redentor de Jesus e completamos em nós o que falta à sua paixão pelo seu corpo que é a Igreja". (Const. MSC, n. 16).

Padre João Geraldo nasceu a 29 de maio de 1915, em Halweg, Holanda.

Estudou na Escola Apostólica, em Driehuis, e em seguida fez o Noviciado, emitindo seus primeiros votos a 21 de setembro de 1935.

Depois dos estudos filosóficos em Arnhem, foi designado para cursar Teologia na Universidade Gregoriana, em Roma.

Fez profissão perpétua no santuário da Gruta de São Bento, no Subiaco, mas em maio de 1940 teve que interromper os estudos por causa da guerra.

Obteve licença para antecipar a ordenação que estava marcada para Issoudun, cidade-berço da Congregação. Já estava tudo preparado quando, ainda por causa do conflito mundial, teve que se refugiar em Lamelou-des-Bains, no sul da França.

Depois do armistício, volta a Issoudun, recebendo o presbiterato a 11 de agosto, em Limoges, na capela do Seminário Diocesano.

Em seguida, retorna à Holanda, cursando o quarto e quinto anos de Teologia, em Stein e Arnhem, respectivamente.

Os Superiores o convidaram para cursar, em Tilburg, a Escola Superior de Economia, escola que foi fechada pelos alemães.

Terminada a guerra, Padre João foi designado para o Brasil, aqui chegando a primeiro de abril de 1946.

Foi para o seminário de Pirassununga e ali começou lecionando Álgebra e Francês.

Sabia bem a matéria, mas seu jeito condescendente e a dificuldade com o idioma tornaram suas aulas bastante tumultuadas.

Outras vezes, cabia-lhe substituir o Ir. Francisco, na Sala de Estudos, onde quase 100 alunos preparavam as aulas ou faziam as tarefas escolares do dia.

Nessas ocasiões, a gente se descontraia e crescia o zunzum pela sala. Era quando o bom Padre João, do alto da cátedra, tocava a campainha e, fingindo um olhar severo que não enganava ninguém, pedia silêncio, no seu português ainda precário:

"Deve haver silencioso!"

Aí se tomava mais difícil conter o riso.

De Pirassununga vai para Machado, de onde, após curta permanência, como coadjutor, foi lecionar Ética e Teologia Fundamental em nosso Escolasticado de Vila Formosa.

Em janeiro de 52, nomeado coadjutor em Pirajui, onde vai permanecer até junho de 56.

O ano seguinte toma contato com a nossa obra no Sul, indo substituir, primeiro, o pároco de Ponte Serrada, e depois, o Padre Tiago van Maren, em Ibicaré.

Em 58, volta à região noroeste de São Paulo, como auxiliar do então Padre Pedro Paulo Koop, na paróquia de S. Terezinha, em Bauru.

Em seguida, vamos encontrá-lo, de novo como coadjutor, desta vez em Xanxerê, SC, onde vai cuidar especialmente das capelas rurais.

Em julho de 63, substitui em Irani, depois Seara, depois Catanduvas.

Volta a Xanxerê como coadjutor e então, pela primeira vez, recebe a nomeação de pároco, em Ibicaré,, onde permanece 4 anos.

Viaja de férias para a Holanda em abril de 70, e na volta vai substituir mais uma vez o pároco de Irani.

Em 1973, nossos seminaristas de II. Grau, de Ibicaré, vão estudar em Lages, e duas paróquias são oferecidas aos MSC.

Padre João se torna pároco da igreja de Nossa Senhora das Graças, no Bairro Popular, onde fica até janeiro de 81, ocasião em que retorna ao sudoeste catarinense a fim de assumir a paróquia de Campina da Alegria, prestando sua colaboração ao Padre Adriano Temmink, em Ponte Serrada.

Lá permaneceu até junho de 84, quando viajou para a Holanda, em gozo de férias. E ai aconteceu o imprevisto.

Padre João foi ao médico, a fim de examinar um. pequeno incômodo na região dos rins, e este lhe prescreveu internamento no hospital.

No Brasil, o médico de Seara já o examinara por duas vezes, não descobrindo nada de especial.

Já estava hospitalizado há doze dias, na Casa de Saúde "Santa Maria", em Tilburg, quando escreveu ao Padre Provincial, dizendo que já passara pelos mais variados exames e os médicos nada tinham encontrado de anormal.

Seu maior pesar era ter perdido o encontro dos MSC em férias, em Bom, bem como a festa do S. Coração na Casa Missionária.

Sua última carta dizia que ele já tinha sido operado e que seu estado de saúde era bastante grave: dois tumores malignos, um no pâncreas, outro no fígado.

Contudo, toda a carta vazava tranqüilidade e uma grande conformidade diante dos fatos.

Seu estado foi se agravando a cada dia e a 26 de agosto, um domingo, Padre João Geraldo adormeceu no Senhor.

A imagem que nos ficou dele , a do homem autêntico na sua simplicidade, coração transparente, alegre, humilde, serviçal, a síntese daquele que seria o MSC ideal: ***"ad omne opus bonum paratus"***, um homem disponível para toda obra boa.

Seu extenso currículo mostra isso: passou por todas as regiões da Província, nunca exerceu cargos de mando, jamais realizou grandes obras.

A maioria de suas nomeações foram substituições, quase sempre coadjutor, um autêntico servidor tapa-buracos...

Seu apostolado predileto eram as capelas rurais, era o contato com os simples e os pequenos.

E ninguém parecia mais feliz do que ele, o sorriso alegre e franco sempre estampado no rosto cheio.

Sua tenacidade e sua persistência eram notáveis: devagar e sempre, sem precipitação, ele ia arrostando todos os obstáculos.

Sua simplicidade cativava a todos. Notável era também seu espírito de pertença à nossa família religiosa: todos os anos, invariavelmente, viajava quase mil quilômetros, de ônibus, para participar de nosso retiro anual, rever os confrades e poder curtir a vivência em fraternidade.

Sua última carta, um mês antes de sua morte, revela bem seu afeto e seu interesse pelos confrades e pelas coisas da Província.

O segredo de uma vida assim tão virtuosa e tão fecunda só poderia estar na oração, pois o Padre João era um homem de grande intimidade com Deus.

Hoje, na saudade e na esperança, só nos resta lembrar o amigo que se foi, dizendo-lhe:

> *"João, agora no céu, agora que você contempla o rosto de Deus, peça a Ele a graça de podermos imitar o exemplo que você deixou: servir ao Senhor sempre, não importa onde, na simplicidade e na alegria!"*

PADRE HUMBERTO CAPOBIANCO, MSC, MESTRE DE NOVIÇOS EM PIRASSUNUNGA

FALECIMENTO

PADRE LUIZ FIGUEIREDO NETTO

"EM CRISTO BRILHOU PARA NÓS A ESPERANÇA DA FELIZ RESSURREIÇÃO"

"Eu sou a ressurreição e a vida;
quem crer em mim, mesmo que tiver morrido, viverá".

No dia 08 de abril de 1995, véspera da Semana Santa, faleceu o nosso amigo e confrade, o Pe. Luiz Figueiredo Netto. Eram 3:40 horas quando o Pe. Luiz entregou sua alma a Deus

Pe. Luiz nasceu em Serrania-MG, no dia 25 de setembro de 1931, desde 1981 trabalhava em Pirassununga, dirigindo e incentivando o trabalho educacional do Colégio John Kennedy e atualmente trabalhava também como pároco da Matriz de Santa Rita de Cássia em Pirassununga.

Profª Ilka S.A. Guelli, diretora de cursos do Colégio JK, assim se referiu ao Pe. Luiz na celebração de corpo presente:

"As palavras e ações do Pe. Luiz demonstram o tamanho do seu 'eu' doar-se sempre, abrindo os braços aos outros..

'Pobre do homem que se comunica apenas com as palavras' ... O Pe. Luiz, com sua vivência, seu exemplo de vida, seu testemunho de fé, soube como ninguém, comunicar-se com todos nós, seus irmãos, na plenitude de seus atos e ações, nos exemplos cotidianos.

O braço levantado foi para apontar caminhos, acolher, tomar para si, congregar. Soube transmitir o verdadeiro sentido da fraternidade, trabalhando o significado da união, do amor, da vivência harmoniosa.

Usou da palavra, sempre para qualificar, sempre como louvor, sempre como arauto de boas novas.

Espírito justo, trazia consigo o verdadeiro Carisma do Coração de Jesus. As virtudes da humildade, da bondade, do acolhimento, do despojamento, da mansidão estavam presentes em sua vida, numa exemplificação constante.

A sua presença transformou os corações daqueles que integram a Comunidade Educativa Colégio 'John Kennedy', assim batizada por ele em 1983.

Este amor tão profundamente espalhado em seu viver, traduz frutos em cada lágrima hoje derramada, sentida, humana, mas confortada também diante da fé que ele nos transmitiu. O filho que retorna ao seio da Mãe, a Nossa Senhora do Sagrado Coração que o Pe. Luiz sempre amou e agora o acolheu.

A Verdadeira Páscoa chegou para o Pe. Luiz! E repetindo suas palavras: 'Em Cristo brilhou para nós a esperança da Feliz Ressurreição'.

Por tudo e por todos Louvado seja o Senhor! Graças pela presença entre nós, do amigo Pe. Luiz".

Amigo disponível, religioso dedicado e sacerdote exemplar, eis o resumo de sua vida. Amigo disponível de todas as horas, Religioso dedicado que em muito ajudou e amou sua Congregação e Sacerdote exemplar soube ser o grande pastor de seu povo, em especial os paroquianos da Paróquia Santa Rita de Cássia em Pirassununga-SP, que guardará na memória o testemunho de seu Amigo e Pastor.

Hoje na saudade e na esperança, só nos resta lembrar o amigo que se foi, que ele peça para nós aquela bondade simples e aquela disponibilidade generosa que fizeram parte de sua vida.

Pe. Luiz, descanse em paz!

Mauricio Serafim da Costa, MSC

No meu tempo de criança, e lá se vão muitos anos, na década de 40, havia uma unanimidade entre os garotos quando se tratava de escolher a carreira ou a futura profissão: todo mundo queria ser piloto de avião.

Naquela época, em que avião era aeroplano, piloto era aviador e aeroporto era campo de aviação, todo moleque sonhava ser um dia herói dos ares.

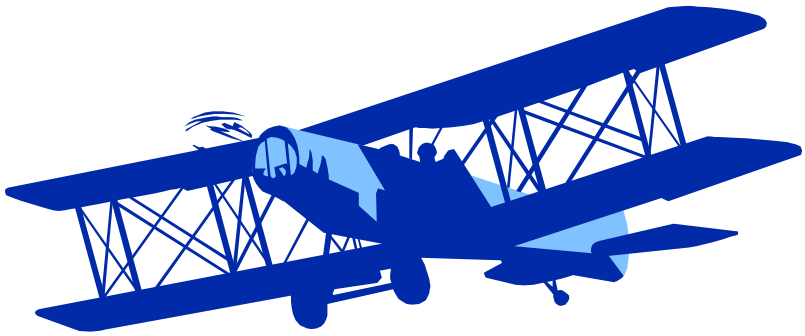
Quando passava um avião lá naquelas alturas, todo o mundo saia à rua para ver!

Era uma das marcas da modernidade de então. Assim, quando vinha a pergunta: "o que você vai ser quando crescer?" a gente logo respondia que ia ser piloto de avião.

Desde os meus oito anos, chamado por uma voz que não distinguia, mas estimulado por uma família que eu amava, - sem falar do caríssimo Padre José Sawaia, meu padrinho de batismo, - sentia-me um tanto constrangido quando, numa roda de meninos, todos eles queriam ser pilotos um dia.

Então se punha o grande dilema: padre ou piloto?

E assim, sem renegar minha vocação primeira, mas cedendo ao fascínio daquelas m quinas voadoras, eu dizia cheio de convicção: vou ser padre-aviador!



E entre peladas com bola de pano na calçada, jogo de pique, de botão e tantos outros folguedos da infância, os anos foram passando e eis-me um dia no seminário, na Escola Apostólica de Pirassununga, a fim de iniciar minha formação.

E veja o leitor a ironia dos fatos, eu ia morar e estudar exatamente naquela cidade que o Governo acabava de escolher para sediar a Academia de nossa Força Aérea, cidade que, por antonomásia viria a se chamar "Ninho da Águias Brasileiras"

Naquele tempo, no seminário menor, entre outros exercícios de piedade, havia uma Leitura Espiritual, em comum, diariamente, na sala de estudos.

Um aluno da divisão dos Maiores, todo imponente, sentava-se na cátedra do Irmão Francisco, Prefeito de Estudos, e fazia a leitura.

E qual não foi minha alegria e minha surpresa quando, um dia, teve início a leitura de um livro que falava de um dos grandes vultos de nossa galeria MSC: "Bourjade, o Papua!"

Pois este livro contava, nem mais nem menos, a vida de um jovem seminarista MSC, que teve de interromper os estudos para servir à Força Aérea francesa, tornou-se herói de guerra e depois voltou para o seminário, ordenando-se sacerdote, indo trabalhar como missionário nas longínquas e desafiadoras missões da Papuásia, Nova Guiné.

Léon Bourjade nasceu em Cos, perto de Montauban, França, a 25 de maio de 1889.

Com 19 anos, deixa a família e a terra natal para fazer o Noviciado MSC, na época transferido para a Espanha, devido à perseguição religiosa em seu país.

Em janeiro de 1910, em Friburgo, na Suíça, emite os votos religiosos de pobreza, castidade, e obediência.

Quando iniciava seus estudos filosóficos, foi convocado para prestar serviço militar em Toulouse, no 23º Regimento de Artilharia.

Arquivo Anais

Volta a Friburgo, em 1912, e começa a estudar Teologia, quando a mobilização para a Primeira Guerra Mundial de 1914 o obriga a abandonar o seminário.

Inscrito na arma de artilharia, em 1917 pediu transferência para a Força Aérea. Soldado destemido e exímio piloto, participou de 65 combates e abateu 40 aviões inimigos.

Do quadro oficial da Legião de Honra, em 16 de julho de 1920, assim rezava o texto da condecoração:

"Léon Bourjade, Tenente da Artilharia, transferido para o 350º Regimento de Aviação, oficial do mais alto valor, piloto de caça de uma bravura heróica, especializado no ataque aos balões inimigos, prestou brilhantes serviços, tanto pelo número de suas vitórias como pelo magnífico exemplo dado pessoalmente: 14 citações, 1 ferimento".

Bourjade sorria tranqüilo diante de tantos elogios, sem perder a habitual modéstia. Na tarde do mesmo dia em que foi condecorado, entrega a cruz ao seu superior religioso e, no dia seguinte a remete como "ex voto" à Basílica de Issoudun.

Mas nós nos perguntamos: por que um religioso tão pacífico maneja habilmente as armas da morte para obedecer à França e por que, por vontade própria, escolhe o duelo dos ares?

Por que ir correr o risco das águias altaneiras, ele que não tem temperamento de soldado e que sonha apenas com vitórias interiores? Não seria ousadia e temeridade?

Tempos depois, diz o Padre Norin, seu biógrafo, humilhando-se até o extremo para provar o nada de sua coragem e procurando mais um motivo para calar suas glórias, ele confessa que sua atração para o alto não tinha outra razão senão sua utilidade para as futuras missões em Nova Guiné.

Mais tarde, ele tentou conseguir convencer seu Bispo a adquirir um avião, mas D. Boismenu pediu que ele esperasse mais um pouco.

Em 1919, volta a Friburgo para continuar seus estudos que a guerra atrasara por cinco anos...

Em setembro do ano seguinte, realiza seu último vôo. Voou sobre a Basílica de Issoudun, executou uma série de acrobacias e foi pousar em Châteauroux.

Assim, com uma peregrinação singular, dava o seu adeus às aventuras aéreas nos céus da França.

Em 26 de junho de 1921, Bourjade , ordenado sacerdote pelas mãos de D. Alain de Boismenu.

Falta agora realizar o outro grande sonho: esconder-se nas lonjuras da Nova Guiné, ali doar-se inteiramente a serviço daquele povo e reviver os ideais de M. Verjus, um de seus heróis prediletos.

A Oceania sempre povoara seus sonhos de missionário. Pastor zeloso, não conhece fadigas nem desânimo.

Viaja a pé, a cavalo, de bicicleta, às vezes de canoa...

Se naqueles ermos pudesse pilotar o seu magnífico Newport, como as coisas se tornariam bem mais fáceis...

Quantas vezes sentiu a alma torturada pela idéia de ter perdido o seu tempo, assaltado pelos mosquitos do impaludismo, esmagado pela desanimadora indiferença daquela gente.

Partira cheio de sonhos, mas foram poucas suas alegrias.

Levou aos lábios o suspirado cálice, sorvendo-o até a última gota.

Aos poucos é acometido pelas primeiras febres que lhe enfraquecem a carne e os ossos, o sangue e os músculos.

Era o fantasma da malária.

Não é possível contar a vida do Padre Bourjade sem mencionar sua grande padroeira, sua conterrânea Terezinha de Lisieux.

Desde que lera a "História de uma Alma", autobiografia da santa, ele se deixou cativar. Uma frase de Teresa, aquela jovem tão frágil, o marcara.

Ela escrevia: "Sinto a vocação de guerreiro".

Bourjade sublinha a oração que brota brilhante da página. Em plena guerra, ela era sua companheira.

Seu avião, o Newport, ostentava a imagem de sua "aviadora", a carmelita de Lisieux que seria declarada santa no ano seguinte à morte de Bourjade.

Em outubro de 1924, agrava-se seu estado de saúde.

Febre altíssima, vômitos contínuos, fraqueza extrema.

Domingo, dia 12, ele recebe os últimos sacramentos.

Rodeado pelos confrades, nos braços de M. Boismenu, expirava o Padre Bourjade, a uma hora da madrugada do dia 22 de outubro.

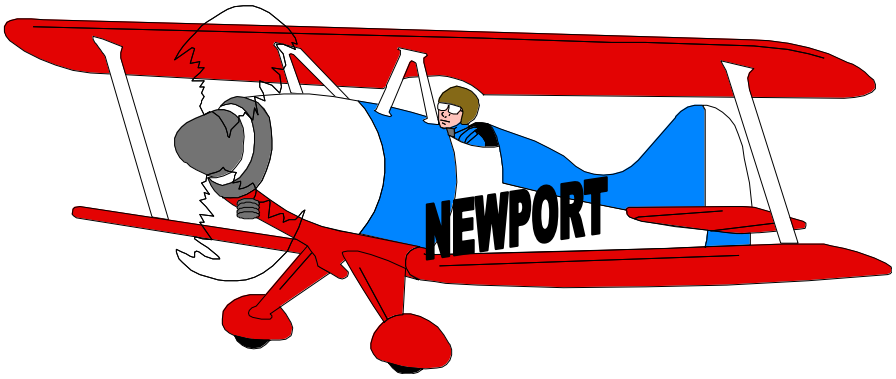
Tinha apenas 35 anos, três dos quais vividos na tão sonhada nova Guiné, a chamada "Ilha dos Homens Maus".

No ano seguinte, 30 de julho, um navio de guerra francês atracava nas águas de Nova Guiné.

Eram oficiais da Marinha da França que vinham, em nome de seu país, prestar homenagem ao grande patriota.

Em seu discurso, disse o comandante:

"Padre Bourjade, nós, marinheiros da Armada Francesa, aqui viemos para saudá-lo.

Depois de ter cumprido seu dever, a França o cobriu de honras.

Contudo, você tudo sacrificou para se dedicar a uma causa pacífica e aqui tombou. Em nome da França, do Exército, dos meus oficiais e dos meus homens, testemunho aqui nossa homenagem e deixo aqui nossos cumprimentos".